

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
Curso de Serviço Social

Maria Isabel Batista Oliveira

**A MULHER E O MOVIMENTO FEMINISTA:
UMA IDEOLOGIA PESSOAL EM BUSCA DA
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

São Paulo
2016

Maria Isabel Batista Oliveira

**A MULHER E O MOVIMENTO FEMINISTA:
UMA IDEOLOGIA PESSOAL EM BUSCA DA
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Serviço Social.
Orientadora: Prof^a. Dra. Marlene Almeida de Ataíde.

São Paulo

2016

Maria Isabel Batista Oliveira

**A MULHER E O MOVIMENTO FEMINISTA: UMA IDEOLOGIA
PESSOAL EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da
Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título
Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Marlene Almeida de Ataíde

Data da Aprovação : São Paulo , ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marlene Almeida de Ataíde (Orientadora)
Universidade de Santo Amaro

Prof^a. Ms. Alberta Emilia Dolores Goes
Universidade de Santo Amaro

CONCEITO FINAL : _____

Dedico este trabalho a primeira mulher guerreira que conheci na minha vida: minha mãe, dona Maria Batista Oliveira. Sim, dona de suas opiniões e de suas escolhas, ainda que a geração (1945) a qual se compatibilizou tenha deixado em si cicatrizes de um sistema machista e opressor.

Punho em riste

*Não nasci para ser o segundo sexo
Para ser discriminada, humilhada, mutilada, muito menos violentada
Não estou disposta a servir quereres que não me pertencem
Nem conservar valores que fortalecem aqueles que nos massacram diariamente*

*Não me interessa
Ser filha de santa e depender do braço protetor masculino
Que insiste estar no topo hierárquico,
Acima da costela a qual disseram que fui originada*

*Não me interessa
Ter que seguir mandamentos matrimoniais, tendo que por outro alguém ser REPRESENTADA
Para então, ser respeitada...
Não estou aqui para seguir as regras que me foram designadas
Ser boa, ser mãe,
Ser sem sentir, apenas existir*

*Não me interessa tua repressão individualista
Quer o que? Etiquetas, rótulos? Então toma!
Leva o que pode levar o que me impôs a usar
E fique satisfeito...
Pois o que carrego em meu ser...
Não terás nem por respeito.*

*Sim, liberdade ecoou
Busco, fortaleço
Desconstruo, luto!
Em corpo, em vida
Uso e reuso*

*Pinto a boca, deixo pêlos
Coloco ou tiro vidas, aqui... Dentro
Quando quero
Por escolha, por direito
Por ser meu, o corpo, a decisão, a vontade e o pensamento.*

*E ergo meu punho em riste
Com os pés na caminhada
E tantas mãos entrelaçadas
Em marcha
Contra o machismo, a violência
Contra a democracia que está tão mascarada.*

(Isabel Oliveira)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família de origem, formada por minha mãe Maria Batista e minhas irmãs; Katia Dourado, Katiane Dourado e Daiani Oliveira, mulheres que admiro que me acompanham, que amo incondicionalmente, que com suas histórias e suas particularidades, compõem as entrelinhas desta pesquisa e fomentam a escolha do tema deste TCC. Ressalto a composição familiar fora dos padrões tradicionais, a qual não diminuiu em nada e nem interferiu de maneira negativa a minha formação pessoal, social e profissional. Dentro dela recebi o apoio necessário ao qual eu serei eternamente grata.

Agradeço também a minha companheira de luta, de vida e de inspiração; Tatiane Rodrigues, que me acompanhou diariamente neste processo, dispondo de sua atenção, do afeto e principalmente do companheirismo que há entre nós. Amar se tornou um gesto revolucionário e dos mais agradáveis possíveis pós nos permitirmos vivenciarmos nossas escolhas.

Agradeço imensamente minha orientadora professora Doutora Marlene Almeida de Ataíde, pela dedicação, por partilhar comigo tua sabedoria necessária, de maneira leve, que fez com que este momento de pesquisa fosse saboreado de maneira rica e agradável. Agradeço a professora leitora, Mestra Alberta Emilia Dolores de Goes, por seu olhar crítico e por ter pontuado detalhes que são tão significantes.

Aproveito para agradecer aos demais professores e professoras que fomentaram minha construção acadêmica, em especial a professora Débora Nunes de Oliveira e a professora Vanessa Lopes de Almeida, as quais tenho admiração e carinho que vão além dos muros da universidade.

As demais mulheres da minha vida e do meu convívio familiar, minhas irmãs, sobrinhas e em especial minha madrinha Eswaldina Schaider Gonçalves, guerreira que fez parte do processo de formação, me incentivando aos estudos e acreditando em minhas realizações profissionais.

As mulheres do Coletivo GERI - Grupo de Estudos por Relações Igualitárias -, que partilham cada vivência e nos encorajam a questionar as teorias de gênero com

base na realidade social. As mulheres do Grupo Samba de Coco Semente Crioula, que cantam e ecoam a luta de maneira resistente e ao mesmo tempo com muita alegria no embalo da cultura nordestina. As Filhas da Luta, coletivo estudantil que fortaleceu a discussão de gênero dentro da Universidade. Ao IPJ - Instituto Paulista de Juventude -, que me auxiliou no processo de desconstrução e autoconhecimento durante minha participação nos encontros de formações. A artista Bruna Rodrigues, autora da arte (imagem) que complementa este trabalho. As mulheres que compartilharam suas histórias de vida durante as entrevistas. As alunas de sala e de outras turmas que caminharam junto comigo nestes anos. A todas as mulheres que no dia a dia buscam fortalecer umas às outras.

As crianças; Dandara, Gustavo, Gabriel, Ana Clara, Ana Vitória, Lucas Ayô, Ethan, Sophia, Samuel, Mariú e tantas outras, que tornaram mais leve e muito mais agradável cada momento. Partilhando risos e carinho em sua simplicidade e inocência ao descobrirem cada etapa que o mundo nos apresenta quando somos crianças e me ensinando a respeitar o tempo, neste sistema que insiste em acelerar nossos movimentos.

Quanto ao companheirismo no campo profissional, agradeço a compreensão e o auxílio de minha supervisora de campo de estágio; Patricia Zorovich Pierini, que dispôs de seus ensinamentos e dedicação a profissão, não esquecendo de quando vivenciou esta etapa de estudante e o quanto a flexibilidade se torna necessária para a atuação estudantil e profissional.

Gratidão a todas as amigas que participam da minha vida e não menos estiveram comigo durante estes quatro anos de formação: Rafaela Silva, Luciana de Jesus, Janaina Araújo, Ana Paula Matos, Roseane Ribeiro, Marcia Andrade, Deyse Brumatti, Simone Souza, Patricia Abreu, Samira Aun, Waleska Martinelli, Mayara Alves, Amanda Cardoso, Joelma Coutinho, Jeane Sotnas, Monica Ferreira, Cristiane Oliveira, Ana Beatriz, Silvana Vieira, Ednea Schaider, Wera Lambert, Ana Paula Gama, Sheyla Maria, Daniela Giovana, Izabel Cristina de Rezende e demais companheiras que alegram e fortalecem os retalhos da vida que vão sendo construídos cotidianamente. Agradeço de coração, todo cuidado e carinho.

Aos meus irmãos e amigos, agradeço também a participação de vocês nesta caminhada, mas peço licença para saudar e deixar registrado o nome das mulheres, e que no decorrer da história exaltemos cada e toda representação feminina que compõe e constrói o cenário social.

Por fim, agradeço a Mãe Terra e ao Universo, por permitirem meu encontro com cada ser humano aqui citado, aqui pensado, e por me dar vida para seguir adiante a cada segundo.

Encontramos-nos na luta.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a atuação da mulher dentro do movimento feminista, e conhecer o perfil das mesmas. Objetivou ainda analisar as categorias relacionadas a esta participação, para trazer à tona através das narrativas, se, por intermédio de determinado movimento feminista há uma denúncia social com relação às políticas voltadas para a mulher, bem como uma insatisfação pessoal ao papel social atribuído a ela. A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva qualitativa, pois, só se inicia uma pesquisa quando existe uma indagação, uma dúvida para aquilo que se pretende buscar uma resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. Utilizou-se enquanto instrumento da pesquisa, entrevistas semiestruturadas que foram gravadas, transcritas e digitalizadas. Este método foi embasado na metodologia da história oral enquanto suporte investigativo, e, buscou trazer para o texto como enredo as narrativas de mulheres que participam de movimentos feministas, objetivando conhecer suas participações em tais movimentos.

Palavras chave: Mulher, Movimentos feministas, Gênero, Protagonismo feminino.

ABSTRACT

This study aimed to understand the woman's role within the feminist movement, and know the profile of the same. It aimed to further analyze the categories related to this participation, to bring out through the narratives, if, through certain feminist movement there is a social denunciation regarding policies for women, as well as a personal dissatisfaction to the social role assigned to it . The research was conducted in qualitative terms, therefore, only begins a search when there is a question, a doubt for what we intend to seek an answer. Search, therefore, is to seek or seek answer to something. Was used as an instrument of research, semi-structured interviews were recorded, transcribed and digitized. This method was based on the methodology of oral history as an investigative support, and sought to bring the text as plot women narratives participating in feminist movements, in order to know their interests in such movements.

Keywords: Woman, feminist movements, gender, female protagonism.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Ivone Gebara	17
Figura 2 - Angela Davis	17
Figura 3 - Beth Lobo	18
Figura 4 - Nísia Floresta	19
Figura 5 - Heleieth Saffioti.....	19
Figura 6 - Patrícia Galvão	20
Figura 7 - Rose Marie Muraro	21

LISTA DE SIGLAS

ONU – Organização das Nações Unidas

MASP – Museu de Arte de São Paulo

CEDAW - Comitê para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher

SMADS - Secretaria Municipal Assistência Desenvolvimento Social

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgenero.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL	8
1.1 Retalhos do movimento feminista no Brasil	8
1.2 Ideologias sociais e atitudes individuais	14
1.3 As filhas da luta: precursoras do movimento feminista no Brasil.....	16
1.4 Bem amada e bem articulada por direitos e igualdade	21
2 A SOCIEDADE CONTEMPORANEA E O FEMINISMO	24
2.1 A cultura do sistema patriarcal: mito ou verdade?	24
2.2 Feminilidade e feminismo: a guisa da fundamentação teórica.....	28
2.3 Gênero e sexualidade: algumas considerações.....	29
2.4 A oposição ao movimento feminista	32
3. PESQUISA	35
3.1 O que é pesquisa?	35
3.2 Problema	35
3.3 Hipótese	36
3.4 Objetivos	36
3.5 Metodologia.....	36
3.5.1 Apresentação das entrevistadas: Quem são essas mulheres?	39
3.5.2 As categorias de análise.....	41
3.5.3 Análises das entrevistas: narrativas que falam	42
Considerações finais.....	53
Referências	56
Sites consultados.	58
Apêndices.	59
Anexos.....	61

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é resultado de uma pesquisa qualitativa, que teve como sujeitos eleitos 5 (cinco) mulheres que participam de movimentos feministas na Capital - São Paulo.

Quanto ao problema de pesquisa foi questionado o que leva a escolha de tal integração e participação, bem como, há quanto tempo aquelas mulheres estão buscando conquistas e quais foram os avanços decorrentes desta busca? Indagou-se ainda quais os desafios enfrentados e a necessidade de expor a escolha de transformação e o não seguimento do modelo feminino que lhe foi determinado em tempos passados.

Enquanto hipótese tinha-se que a ausência de políticas públicas, a não aceitação aos estereótipos e ao sistema patriarcal ainda existente em alguns setores, fazem com que mulheres busquem atuar em movimentos que possam fortalecer o protagonismo feminino e a tomada de decisões em suas escolhas pessoais e na busca por democracia social e igualdade de gênero.

O estudo teve como objetivo geral, conhecer as necessidades e motivações que levaram mulheres participantes de movimentos feministas a assumirem tal posicionamento e se tornarem parte de determinado movimento social.

Quanto aos objetivos específicos definiu-se por levantar o perfil das mulheres que participam de movimentos feministas e ainda: analisar se sofrem de discriminações decorrentes do interesse em se auto declarar como feminista; conhecer as necessidades que direcionam e levam mulheres a atuarem em movimentos feministas; verificar quais as mudanças ocorridas em suas rotinas após se tornarem parte do movimento feminista; e por fim, averiguar os limites e as possibilidades para se manterem nos movimentos e se estes os transformam em protagonistas das suas histórias.

No que tange aos procedimentos metodológicos, as entrevistas foram gravadas, e conforme as palavras de Queiroz (1991, p. 57), “A captação de informações, depoimentos, histórias de vida, por meio do gravador representa, sem dúvida, uma ampliação do poder de registro dos pesquisadores”.

Além da entrevista, foi utilizado um formulário (conforme apêndice a) para conhecer o perfil destas mulheres e comparar ao que o senso comum nos informa a

respeito deste perfil, ou seja, se passaram ou não por algum tipo de violência, qual a composição familiar, estado civil e orientação sexual.

Assim, “[...] buscou-se versões dos fatos, pressupondo a existência de lacunas espaciais e temporais e aceitando a subjetividade implícita no relato, tanto da parte do narrador, quanto do pesquisador que procedeu a sua coleta”. (LANG, 1.996, p. 37).

No primeiro capítulo encetou-se uma discussão com base no resgate histórico do movimento feminista no Brasil, a articulação das mulheres dentro deste movimento. A construção de pautas que trazem segmentos relacionados a questões individuais e coletivas. Também se faz importante trazer no bojo deste trabalho algumas das mulheres que marcaram presença e continuam sendo referência dentro dos movimentos feministas no Brasil.

O movimento feminista no século XXI segue em meio a marchas e protestos, enfatiza a organização das mulheres e os diversos setores onde, embora tenham ocorrido avanços, não acompanham as gerações existentes. Atualmente temos movimentos feministas focados na questão de gênero, em discussões políticas e religiosas, liberdade de escolhas e autoafirmação.

Para o segundo capítulo foi reservada uma reflexão sobre a origem e a existência do sistema patriarcal, buscando identificar suas raízes e observar esta permanência na sociedade atual. Neste capítulo também referenciaremos a possível desconstrução do papel atribuído às mulheres, alguns aspectos referentes à construção de identidade de cada ser, onde alguns limites são colocados pelo gênero que corresponde a este indivíduo.

Saffioti (1992, p. 210) considera que,

[...] não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia.

Nesta perspectiva, teve extrema importância levar em consideração a historicidade dos termos, “gênero e sexualidade” uma vez que vai ser justamente essa característica que permite transformações e mutações no que, fatalmente, fixamos como ‘correto’ e ‘normal’ às identidades sexuais e de gênero. Dando continuidade ao capítulo dois, consideramos importante pontuar alguns conceitos relacionados ao campo social, profissional e político que compõem parte da oposição ao movimento feminista.

O terceiro capítulo enfatizou o conceito de pesquisa, destacando os eixos do caminho metodológico, para posteriormente apresentar as mulheres que foram entrevistadas, as categorias de análises e por fim as narrativas como enredo e as análises necessárias.

Acrescenta-se finalmente que os objetivos traçados neste trabalho foram alcançados, bem como a hipótese confirmada.

CAPÍTULO I

1. O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

“Eu não sei por que as pessoas são tão relutantes em se dizer feministas. O que seria um sinal mais óbvio de vivermos ainda em um mundo patriarcal do que achar que feminismo é um palavrão” (Ellen Page).

Neste primeiro capítulo que tem subtítulo 1.1 denominado de *‘Retalhos do Movimento Feminista no Brasil’* pretendemos resgatar a origem deste movimento, para enfatizar o quanto a criação de direitos que foram implantados ao longo do tempo não alcançava as necessidades femininas, dando ênfase a um sistema patriarcal e sexista, limitando ainda mais, o posicionamento das mulheres em meio à sociedade. No subtítulo 1.2 que trata das *“Ideologias sociais e atitudes individuais”*, analisa-se o posicionamento dessas mulheres, frente ao que lhe foi oferecido, ao que se faz necessário e as ausências que incomodam. Incomodo este que fez com que estas mulheres se organizassem na busca de melhores condições individuais e coletivas. O subtítulo 1.3 *“Filhas da luta: Precursoras do movimento feminista no Brasil”* apresenta uma pequena biografia de algumas mulheres que fizeram e fazem deste movimento um marco incessante. No subtítulo 1.4 *“Bem-amada e bem articulada por direitos e igualdade”* consideramos importante apresentar o que estas mulheres vêm buscando desde o início dos movimentos feministas no Brasil, até o momento atual.

1.1 Retalhos do movimento feminista no Brasil

A importância em resgatar a história dos movimentos feministas no Brasil, se faz premente para entendermos a articulação de mulheres que possuíram e possuem o mesmo objetivo com relação à participação e vida em sociedade.

Mulheres que na primeira fase do movimento feminista presenciaram a luta de outros países em busca de decisões pessoais, tanto em 1960 com a criação da pílula anticoncepcional, quanto das mulheres que foram contra a ditadura da beleza em 1968 através do marco histórico “a queima de sutiãs”.

No Brasil, foi a partir do século XIX as mulheres conquistam o direito ao voto político do qual, até então teriam sido discriminadas, consequente a esta conquista, o

movimento feminista se destaca e recebe apoio de várias instituições e outras organizações.

Em São Paulo nos anos 70 as mulheres começam a se movimentar em busca de direitos básicos, em busca de escolas e creches para seus filhos e por melhores condições de vida e trabalho, o que fica registrado como a segunda onda do movimento feminista. Durante o período da ditadura militar, se posicionaram de forma resistente em fazer parte da esfera política.

O atual feminismo brasileiro nasce, nos anos 70, no panorama internacional que instituía o Ano Internacional da Mulher (1975), favorável, portanto, à discussão da condição feminina e, ao mesmo tempo, no amargo contexto das ditaduras latino-americanas, que calavam implacáveis, as vozes discordantes. O retorno a esta origem, naquele momento e naquele contexto político, nos remete à radicalidade posta na questão da mulher como uma questão fundamentalmente “conflituosa”, tanto nas relações entre o homem e a mulher, quanto em todas as relações de poder socialmente instituídas, articulando gênero e classe, como foi tantas vezes sublinhado sobre o caráter deste movimento, no Brasil. (SARTI, 2001 p.31).

Apesar da luta feminina estar ligada à luta social, a mulher neste período também é excluída, por questões conservadoras que ainda permeavam às organizações existentes.

As mulheres foram incorporadas às organizações de esquerda, tanto no campo como nas cidades. Mas essas organizações relutaram em absorver a mulher militante de maneira mais adequada ao papel que ela já havia desempenhando nas diversas áreas da vida social e econômica, talvez por considerarem que as ações guerreiras só diziam respeito aos homens. (TELLES, 1994, p 64).

Consideração esta, que nos faz pensar na exclusão baseada em justificativas generalizadas de estrutura física e biológica. De acordo com a autora,

Presume-se que, originalmente, o homem tenha dominado a mulher pela força física. Via de regra, esta é maior nos elementos masculinos do que nos femininos. Mas, como se sabe, há exceções a esta regra. Variando a força em função da altura, do peso, da estrutura óssea da pessoa, há mulheres detentoras de maior força física que certos homens. (SAFFIOT, 1987, p. 12).

Estrutura está que se tornou objeto de uso, quando havia a necessidade de preparar emboscadas para distrair os militares nas atividades das equipes de busca.

Considerando que durante o período da ditadura militar, ao tratarmos de mobilizações que estivessem direcionados à política, os participantes, homens ou mulheres, estavam proibidos de exaltar suas opiniões e contradições a respeito, e mais uma vez as mulheres brasileiras buscavam caminhos para estarem inseridas no cotidiano, por mais repressivo que fosse tendo em vista que, sensíveis

[...] às propostas dos partidos políticos clandestinos, muitas mulheres entraram nestas organizações, embora seus militantes fossem em sua maioria homens. Muitos homens e mulheres sobreviveram às torturas e a repressão, sem, contudo, perder sua integridade ética e política. Outros não conseguiram superar as sequelas daqueles tempos. A constante dos relatos históricos, no entanto, tem sido a omissão ou a diluição da presença feminina. (TELLES, 1994, p. 65).

O Movimento Feminista traz diversas pautas e por este motivo não se torna único, são movimentos feministas, onde nem sempre uma única organização de mulheres irá contemplar todo o contexto de luta, eis que surge a necessidade de pontuar alguns movimentos. Assim como o movimento feminista de mulheres negras;

O Feminismo Negro é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. No Brasil, seu início se deu no final da década de 1970, a partir de uma forte demanda das mulheres negras feministas: o Movimento Negro tinha sua face sexista, as relações de gênero funcionavam como fortes repressoras da autonomia feminina e impediam que as ativistas negras ocupassem posições de igualdade junto aos homens negros; (ARRAES, 2014, s/p)

Resistentes e em contato com outros grupos de mulheres e movimentos feministas, as mulheres deram continuidade ao posicionamento firmado. Agora não mais sozinhas, tem o acompanhamento da Organização das Nações Unidas - ONU, que considerou em 1975, o Ano Internacional da Mulher, no qual as feministas buscavam igualdade de direitos e questionavam o papel de submissão atribuído ao gênero feminino. Neste mesmo ano, o primeiro encontro de mulheres do Rio de Janeiro dá origem ao Centro da Mulher Brasileira e em São Paulo nasce o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira.

A busca por espaços de atuação não cessou, ideias democráticas e políticas deram seguimento através das publicações dos jornais que foram construídos por elas a exemplo do Jornal “*Nós Mulheres*”, “*Brasil Mulher*” e “*Mulherio*”, os quais se tornaram numa forma de denunciar a ausência de equipamentos necessários para o

desenvolvimento diário de suas rotinas, dialogar sobre o feminismo e fortalecer a articulação entre as outras mulheres. Falando sobre o dia 8 de março:

Em 1976, ocorre a primeira comemoração pública dessa data, após 64. No auditório do MASP (Museu de Arte de São Paulo) reuniram-se por volta de 300 pessoas, convidadas pelo jornal Brasil Mulher e pelo movimento Feminino pela anistia. Havia uma maioria de homens no plenário. Ao que parece, havia também alguns outros grupos de mulheres. Na oportunidade foram levantadas algumas reivindicações da mulher, mas a questão da anistia teve maior destaque. (TELLES, 1994, p. 97).

Partindo para a década de 80, o movimento feminista tem como pauta além dos direitos ligados diretamente ao feminino, questões relacionadas à sexualidade, violência, corpo e liberdade. Em 1985 cria-se por Decreto, a Delegacia Policial de Defesa da Mulher.

Em 1980, frente ao Teatro Municipal de São Paulo, um grupo de mulheres se reúne para exigir a implementação de políticas públicas, a visibilidade para o número crescente de violência voltada à mulher e a reformulação do Código Penal tendo como preocupação não apenas a agressão física e sim, todo e qualquer manifesto que originaria este tipo de ação, uma vez que;

Os direitos humanos das mulheres, não foram concedidos, mas conquistados em espaços de negociação demarcados pela tensão entre o nosso direito a ter direitos e a ideia de que o direito deve ser neutro, perante as diferenças de gênero. (SECRETARIA NACIONAL DA MULHER TRABALHADORA, 2009, p. 38).

Em 1984 o Brasil junto ao Comitê para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher – CEDAW aderiu à referida convenção a qual define o que se constitui discriminação contra a mulher e estabelece uma ampla agenda de ações a fim de acabar com a discriminação.

Em 1986, foi criada a Comissão Nacional sobre a mulher trabalhadora e que surge com o objetivo de debater a inclusão da temática de gênero nas políticas da Central Única dos Trabalhadores. Desta Comissão surge a Carta Magna das mulheres, e, conforme relato descrito no site da Secretaria de Políticas para as Mulheres traz a seguinte redação:

No processo de luta pela restauração da democracia, o movimento de mulheres teve uma participação marcante, ao visibilizar um conjunto

de reivindicações relativas ao seu processo de exclusão, assim como ao lutar pela inclusão dos direitos humanos para as mulheres.

Seu marco foi a apresentação da Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes (1988), que indicava as demandas do movimento feminista e de mulheres. A Carta Magna de 1988 incorporou no Artigo 5º, I: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. E no Artigo 226, Parágrafo 5º: “Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos pelo homem e pela mulher”. Esses dois artigos garantiram a condição de equidade de gênero, bem como a proteção dos direitos humanos das mulheres pela primeira vez na República Brasileira.

Por outro lado, o dia nacional de redução da morte materna foi instituído no Brasil em 1988, levantando questões sobre o direito das mulheres à saúde sexual e reprodutiva. Data que é comemorada anualmente no dia 28 de maio.

Já em 1993 o Brasil fez adesão ao programa de ação da Conferencia Mundial de Direitos Humanos - Conferencia de Viena da Organização das Nações Unidas, o qual define que os direitos humanos do gênero feminino não podem ser vendidos e cedidos e integra os direitos humanos universais.

Na esfera política a mulher ganha espaço através do sistema de cotas na legislação eleitoral, obrigando os partidos em 1996, através do Congresso Nacional, incluírem no mínimo 20% de mulheres nas chapas proporcionais. Neste mesmo ano no Brasil, acontece o primeiro Seminário Nacional de Lésbicas, onde as mulheres se reúnem para discutir e rever seus direitos e conceitos.

Com argumentação política, no ano de 2000, as mulheres do movimento feminista e movimento de mulheres, se organizam juntamente aos trabalhadores da agricultura e com os sindicatos, em busca de políticas públicas contra a fome, a violência sexista e a pobreza. Desde então “A Marcha das Margaridas” como foi nomeado o movimento em homenagem à Margarida Maria Alves (presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, de acordo com os registros documentados, foi assassinada à ordem de latifundiários), se torna um dos grandes momentos de articulação das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros.

Em 2006 entra em vigor a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), em cuja introdução descreve que referida lei,

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (LEI MARIA DA PENHA 11.340; 2006).

O movimento feminista no século XXI segue em meio a marchas e protestos, enfatiza a organização das mulheres e os diversos setores onde, embora tenham ocorrido avanços, não acompanham as gerações existentes. Hoje temos movimentos feministas focados na questão de gênero, em discussões políticas e religiosas, liberdade de escolhas e auto-afirmação.

A articulação das mulheres feministas contra qualquer e todo posicionamento machista e opressor, ocupa espaços aqui no Brasil. Em 2011, através da “Marcha das Vadias”, foram levantadas questões relacionadas à culpabilização das vítimas de todo tipo de violência (com ênfase no estupro), a exploração dos corpos femininos na mídia e no marketing televisionado, que coloca a mulher como objeto ao prazer masculino. Estas mulheres buscam a negação de estereótipos, a liberdade de expressão sexual da mulher, liberdade em sua orientação sexual e o fim do sistema patriarcal e sexista que nega à mulher o direito à vida de acordo com suas escolhas. A marcha das mulheres caminha em busca da legalização do aborto, para que o atendimento à saúde da mulher acompanhe as demandas necessárias, para que os casos em que as mulheres se encontram numa gravidez indesejada, sejam solucionados sem que haja uma negação no atendimento à saúde desta mulher, o qual a colocaria mais uma vez à margem da sociedade.

Quando falamos de corpo, de sexo e de sexualidade, não podemos deixar de falar do papel atribuído a mulher e a imposição da heterossexualidade no contexto social. A todo instante somos questionadas sobre o relacionamento que buscamos junto à escala de acontecimentos que decorrem a partir da relação sexual. Se estivermos solteiras enfatizam a importância de encontrarmos um parceiro para que tenhamos com quem construir metas e objetivos, vivenciamos diariamente o sistema patriarcal ainda que sejam apenas através das orientações e palpites. O movimento feminista lésbico vem pontuar esta heteronormatividade e explica que,

Quando uma mulher escolhe ficar com outra mulher, ela envia uma mensagem de resistência, diferentemente do que o patriarcado diz, do que o sexismo diz, ela não precisa se curvar à suposta superioridade masculina, nem precisa de homem nenhum para viver, para ser feliz ou mesmo para se sentir satisfeita sexualmente. É uma ameaça ao patriarcado porque é uma recusa às historinhas dos contos de fadas que dizem que, para sermos reconhecidas como “boas mulheres”, precisamos nos fazer princesas, encontrar o nosso príncipe encantado, casar com eles e ter filhos. E, é também uma ameaça porque se trata de uma recusa à prescrição atual, real, que diz que devemos nos enquadrar tanto quanto possível no padrão de beleza feminino para agradar os homens, para atraí-los em direção ao casamento, para ter filhos e nos dedicarmos à nossa romântica maternidade — cuidando sozinhas “dos filhos” do mundo enquanto nos esforçamos para viver como heroínas e trabalhadoras de sucesso, apesar de mal pagas. (SOARES, 2013, s/p).

Percebemos as exigências deste sistema, ainda que a mulher esteja em um relacionamento heterossexual exigem um posicionamento correspondente à esposa perfeita, ou seja, aquela que deve se comportar perante a sociedade de uma maneira delicada e obediente a todas as regras decorrentes a esta escolha, o casamento, a procriação e o convívio eterno com este indivíduo, ainda que não a façam bem.

1.2 Ideologias sociais e atitudes individuais

De acordo com o histórico de existência do movimento feminista, podemos identificar mobilizações que tem origens individuais e coletivas.

Parece haver um consenso em torno da existência de duas tendências principais dentro da corrente feminista do movimento de mulheres nos anos 70, que sintetizam o próprio movimento. A primeira, mais voltada para a atuação pública das mulheres, investindo em sua organização política, concentrando-se principalmente nas questões relativas ao trabalho, ao direito e à redistribuição de poder entre os sexos. Foi a corrente que posteriormente buscou influenciar as políticas públicas, utilizando os canais institucionais criados dentro do próprio Estado, no período da redemocratização dos anos 80. A outra vertente preocupava-se, sobretudo com o terreno fluido da subjetividade, com as relações interpessoais, tendo no mundo privado seu campo privilegiado. Manifestou-se principalmente através de grupos de estudos, de reflexão e de convivência. Nestes grupos ressoava a ideia de que o “pessoal é político”. (SARTY, 2001, p. 40).

Quando tratamos da luta em busca de participação, seja na eleição de candidatos que irão representar a população no setor político, a busca por educação

dos filhos, a construção de creches, inserção e melhores condições no campo profissional. Estamos falando de uma construção e relação social, nas quais foram questionadas as estruturas oferecidas a essas mulheres. Ressaltando que essas mesmas mulheres, no decorrer da origem da formação familiar, foram designadas aos cuidados dos filhos e da casa e percebemos que, nem ferramentas suficientes para que pudessem desenvolver tal comportamento foram pensadas e disponibilizadas para com as mesmas, com isso deixando-as dependentes do homem e do cotidiano que limitaria suas ações.

Assim, pois, nos casos em que a família monogâmica reflete fielmente sua origem histórica e manifesta com clareza o conflito entre o homem e a mulher, originado pela dominação exclusiva do homem, temos um quadro em miniatura das mesmas oposições e contradições em que se move a sociedade, dividida em classes desde os primórdios da civilização, sem poder resolvê-las nem superá-las. Naturalmente, só me refiro aqui aos casos de monogamia em que a vida conjugal transcorre conforme as prescrições do caráter original dessa instituição, mas na qual a mulher se rebela contra a dominação do homem. (ENGELS, 2012, p. 69).

A naturalização dos fatos aqui presente reafirma o ato de reproduzir ações que não acompanham as gerações atuais. Em se tratando da formação da origem familiar, temos um processo social histórico, onde a mulher é considerada um ser dominado tanto na vida conjugal, quanto na vida social, não recebendo assim o mesmo preparo para atuações futuras e emancipação que o homem recebe, desde os tempos primórdios.

Hoje, com a existência dos movimentos feministas, podemos presenciar opiniões diversas em relação à mulher no ato de expressar seus desejos e sentimentos no decorrer de sua vida particular. Esse posicionamento acaba fazendo parte da pauta do movimento social, onde nem sempre contempla uma ação e aceitação coletiva.

O sexo participou indubitavelmente e de forma central na construção histórica de nossa identidade pessoal e coletiva, especialmente no Brasil, mas foi por muito tempo colocado à margem na leitura das práticas sociais. A desconstrução dos mitos fundadores, acredito, passa pela leitura do gênero de sua própria produção, ao lado de outras dimensões, é claro. (RAGO, 1998, p. 98).

Assim sendo, a articulação feminina vem pontuando diversos segmentos que estejam relacionados à política, à educação, ao mercado de trabalho, à saúde e à vida

cotidiana das mulheres. Não apenas visualizado de fora pra dentro, mas sobre tudo, detalhando e modificando a participação feminina nestes espaços. Buscando mudanças no posicionamento tanto do qual a própria mulher desenvolve, quanto o qual a sociedade cobra dela.

Se não foi possível, no início do movimento, enfrentar a natureza híbrida de um movimento fundado na identidade de gênero que é recortada por outras clivagens sociais e referências culturais muito distintas, é precisamente esta pluralidade das mulheres o que torna o feminismo um movimento político e, como tal, marcado pelos interesses e conflitos políticos mais gerais, o que lhe dá seu sentido histórico. Há, nesse sentido, muitos feminismos. (SARTY, 2001, p. 44).

1.3 As filhas da luta: precursoras do movimento feminista no Brasil

Desde a década de 70 os movimentos de mulheres no Brasil contribuem no desempenho de importante papel, tanto na luta contra os regimes militares que vieram ao poder na segunda metade do século passado, quanto no esforço de se institucionalizar, no âmbito do próprio estado, além de uma agenda política a serviço das demandas que lhes são pertinentes. Por outro lado, essas histórias, têm diferentes momentos no Brasil, pois o processo de democratização, aliado ao fortalecimento de movimentos feministas, tem sido marcado principalmente por alguns avanços dos últimos trinta anos para a atualidade, bem por alguns descompassos.

Neste sentido, se faz importante trazer no bojo deste trabalho algumas das mulheres que marcaram e continuam sendo referências do movimento feminista no Brasil sem menosprezar as demais que de igual forma continuam a merecer nossa admiração, e, dentre as eleitas neste estudo destacam-se:

Ivone Gebara, freira católica, teóloga e feminista. Nos anos 1990, Ivone Gebara foi processada e condenada pelo Vaticano por fazer críticas à doutrina moral da Igreja, especialmente no tocante ao aborto. Ficou fora do Brasil durante os dois anos de silêncio forçado a que foi condenada.



Figura 1 - Ivone Gebara

Fonte: (Google).

Angela Davis é ativa militante em favor da igualdade de gênero e dos direitos da população negra. Diz: “minha concepção do feminismo é a de uma emancipação que vai além das fronteiras estabelecidas. As questões de sexualidade, de raça, de classe e de gênero estão intimamente ligadas”. Ficou conhecida internacionalmente por ter sofrido intenso processo de perseguição política nos anos 1970, nos Estados Unidos, quando atuava nos Panteras Negras, organização revolucionária marxista criada para a autodefesa dos negros contra a violência policial.



Figura 2 - Angela Davis

Fonte: (Google).

Beth Lobo, militante no movimento de mulheres, sempre questionou as noções e representações consolidadas a respeito da classe trabalhadora no Brasil. Faleceu em 1991.

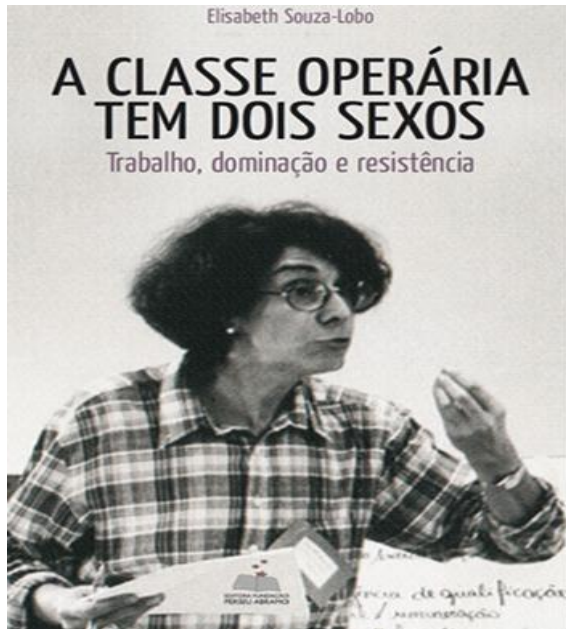


Figura 3 - Beth Lobo

Fonte: (Google).

Nísia Floresta, feminista, abolicionista e republicana nascida no Rio Grande do Norte, é considerada a primeira feminista brasileira e latina americana. Atribuía a dependência das mulheres com relação aos homens ao desprezo com que era tratada a sua educação e denunciou a ignorância em que eram mantidas as meninas. Faleceu em Rouen, na França, aos 75 anos, a 24 de abril de 1885.



Figura 4 - Nísia Floresta

Fonte: (Google)

Heleieth Saffioti, conhecida internacionalmente como uma das mais importantes pesquisadoras feministas do país. Seus estudos sobre a situação das mulheres no mercado de trabalho no Brasil, desde a década de 1960 são pioneiros na análise sobre as desigualdades entre mulheres e homens, nas diversas formas de opressão e exploração no trabalho. Faleceu em dezembro de 2010, em São Paulo.



Figura 5 - Heleieth Saffioti

Fonte: (Google).

Pagu, cujo nome é Patrícia Galvão defendeu a libertação sexual da mulher e a busca por sua auto-suficiência amorosa. Como jornalista era ainda mais contundente. Escreveu pela primeira vez sobre a condição feminina das mulheres das classes menos privilegiadas em São Paulo. Faleceu em 12 de dezembro de 1962, em Santos - São Paulo.



Figura 6 - Patrícia Galvão
Fonte: (Google).

Rose Marie Muraro, apontada como a patrona do feminismo, foi uma das primeiras a levantar o problema da mulher no Brasil moderno. Através de seus livros, ela combateu a ditadura, desafiou a igreja e preparou jovens para um novo mundo, mais difícil, que ainda está em gestação. Faleceu em 21 de junho de 2014 no Rio de Janeiro.



Figura 7 - Rose Marie Muraro
Fonte: (Google).

1.4 Bem amada e bem articulada por direitos e igualdade

Pensar em questões relacionadas ao corpo, ao campo de trabalho, aos direitos humanos e tudo o que envolva uma existência na sociedade atual, faz com que a mulher expresse suas insatisfações e não esteja apenas indo ao encontro à aceitação daquilo que lhe está sendo ofertado, do modelo existencial que em gerações passadas lhes foi atribuído.

Geralmente, a mulher é associada a valores considerados negativos, tais como emoção, fragilidade, resignação. Tais valores contêm ideias como: a mulher é incapaz de usar a razão; não é capaz de lutar contra ocorrências adversas, já que se conforma com tudo; é insegura. Estes característicos são apresentados como inerentes à mulher, isto é como algo que a mulher traz desde o nascimento. (SAFFIOTI, 1987, p. 34).

Estar em contato com movimentos sociais, onde a atuação feminina esteja em destaque é uma maneira de articulação e empoderamento para solucionar as pendências relacionadas às discriminações de gênero. Discriminações estas, que se tornam visíveis até mesmo quando a mulher se coloca como protagonista de sua história, entendendo suas necessidades e contrariando o que foi destinado ao seu comportamento em função ao seu sexo biológico. Embora observemos os avanços na legislação com relação aos direitos das mulheres podemos perceber que muitas vezes o processo é algo demorado.

A exemplo a Lei Federal 9.100/95 que estabeleceu 20% de candidatas mulheres nas listas partidárias para as eleições de 1996. Em 1997, as cotas foram ampliadas para 30%, mas só em 2009 elas se tornaram obrigatórias. É perceptível que haja um acompanhamento da população para que os projetos de lei dêem andamento e sejam efetivados.

Muitas mulheres feministas são vistas como mal-amadas e são questionadas em relação ao comportamento desfavorável à opinião masculina patriarcal e até mesmo com relação a opinião de outras mulheres.

Os antifeministas extraem da história dois argumentos contraditórios: 1º) as mulheres jamais criaram algo de grande; 2º) a situação da mulher jamais impediu o aparecimento de grandes possibilidades femininas. Tais afirmações são eivadas de má-fé; os êxitos de algumas privilegiadas não compensam nem desculpam o rebaixamento sistemático do nível coletivo; e o fato de serem esses êxitos raros e limitados prova precisamente que as circunstâncias lhes são desfavoráveis. (BEAUVOIR, 1970, p.166).

Embora estes questionamentos perpassem por diversos grupos, o movimento feminista vem mostrando que através desta articulação, a mulher se desloca do âmbito que a aprisiona e constrói em meio ao contato com outras vivências a sua própria emancipação. E apesar do projeto cotidiano voltado de maneira desfavorável ao gênero feminino, vemos uma mobilização geradora de mudanças no contexto histórico do papel atribuído à mulher.

A lei 4.212/1962, que garantiu a mulher não precisar mais de autorização do marido para trabalhar, garantiu também, a possibilidade de requerer a guarda dos filhos em caso de separação e o direito à herança. Libertada das amarras do patriarcalismo, as mulheres se livram dos encargos do casamento, não servindo seus corpos ao processo maternal, e substituindo as tarefas de casa, pelo papel de trabalhadora, estudante pesquisadora, descobridoras de sua própria sexualidade, donas de suas decisões e dotadas de opções de uma vida independente em relação ao masculino.

Sem dúvida, importantes transformações em torno das atribuições de homens e mulheres, nos espaços público e privado, ocorreram nas quatro últimas décadas no país. Os questionamentos sobre a restrição das mulheres ao espaço privado (casa) e ao cargo de esposa, mãe e cuidadora foram, em boa parte, desencadeados pelas atuações feministas, especialmente a partir da década de 1960, e impulsionados pelas mudanças socioeconômicas e demográficas que repercutiram no interior das famílias. (COUTO, SCHRAIDER, 1996, p. 49).

A capacidade humana em contato a um movimento social desvincula a mulher da limitação em cuidar apenas da casa, dos filhos e do esposo. Possibilitando, através do movimento feminista, um engajamento político, ao qual ela consegue levar indagações pessoais e reverter isso ao processo coletivo, ao visualizar ao redor de seu cotidiano possíveis desconstruções sem que rompa totalmente com sua história e ideologia de vida.

Aqui, direcionemos o olhar aquelas mulheres ativistas de movimentos feministas, casadas, mães e que desconstroem dentro desta vivencia, tudo aquilo que a impeça de dialogar sobre seu posicionamento feminista, compartilhando com a família uma nova forma de convívio, sem que haja limitações desde a infância, por conta da distinção de gênero.

Educa os filhos com base na ideologia feminista e partilha seus anseios com o parceiro, sem que haja opressão referente ao seu posicionamento.

CAPÍTULO II

2 A SOCIEDADE CONTEMPORANEA E O FEMINISMO

Neste segundo capítulo que tem subtítulo 2.1 denominado de “*A cultura do sistema patriarcal: mito ou verdade?*” pretendemos refletir sobre a origem e a existência do sistema patriarcal, para que possamos identificar suas raízes e sua permanência na sociedade atual, com ênfase no quanto esse modelo representativo, interfere na inserção feminina no plano social, limitando sua participação em determinadas esferas do cotidiano. No subtítulo 2.2 “*Feminilidade e feminismo: a guisa da fundamentação teórica*” trata da desconstrução de determinado papel atribuído às mulheres e a percepção destas quanto ao não comportamento universal, modelo único onde todas estariam satisfeitas com o papel que lhes são destinadas a desenvolverem no meio social. O subtítulo 2.3 “*Gênero e sexualidade: algumas considerações*” traz aspectos referente à construção de identidade de cada ser, onde alguns limites são colocados pelo gênero que corresponde a este indivíduo. No subtítulo 2.4 “*A oposição ao movimento feminista*” consideramos importante pontuar alguns conceitos relacionados ao campo social, profissional e político que vão contra ao movimento feminista.

2.1 A cultura do sistema patriarcal: mito ou verdade?

A reprodução de ações que foram originadas desde a organização social, criou raízes distintas no sistema patriarcal, que em sua origem deu poder ao homem. Essas raízes que floresceram em décadas passadas, ainda se manifestam no cotidiano das sociedades atuais.

O importante a reter é que a base material do patriarcado não foi destruída, não obstante os avanços femininos quer na sua área profissional, quer na representação do parlamento brasileiro e demais postos eletivos políticos. Se na Roma antiga, o patriarca tinha direito de vida e morte sobre a sua mulher, hoje o homicídio é crime capitulado no Código Penal, mas os assassinos gozam de ampla impunidade. Acrescente-se o tradicional menor acesso das mulheres à educação adequada à obtenção de um posto de trabalho prestigioso e bem remunerado. (SAFFIOTI, 2004, p.104).

O sistema patriarcal como modelo de opressão feminina e fortalecimento masculino, atualmente reflete não somente em questões relacionadas à violência contra a mulher, mas o próprio homem se sente no dever em obter e transparecer um papel masculino mandante, sem muitas demonstrações de afeto e emoções sentimentais.

Isso se reflete numa violência psicológica e num comportamento masculinizado que afetam muitos homens ao buscarem um enquadramento de perfil que muitas vezes não correspondem com suas necessidades, mas que são reproduzidos para agradar um sistema imposto pela própria sociedade.

Esta obediência apenas a quem demanda poder, reflete também na necessidade de transformação que algumas mulheres sentem ao assumirem determinado cargo, muitas vezes delimitados ao homem.

Isso faz com que estas mulheres obtenham um comportamento agressivo, ditador e rígido em busca de um enquadramento em meio aos recursos oferecidos, acreditando que esta seja a ferramenta utilizada para que suas ações e metodologias sejam levadas em consideração sem que haja discriminação por questões relacionadas ao gênero.

A cultura patriarcal, como sabemos, permitiu a introjeção de uma divisão de comportamentos ligada a divisão social do trabalho. Há coisas e comportamentos próprios do homem e outros próprios da mulher. Em certos aspectos, essa introjeção é a tal ponto profunda que se torna uma espécie de natureza. Não se percebe o comportamento X ou Y como produtos de uma cultura, como formações nascidas de hábitos situados e datados, mas como natureza, e esta não se mudam. Se se tenta mudá-la, comete-se uma violação grave a um interdito social e sofrem-se as consequências dessa ousadia. (GEBARA, 1989, p.17).

O modelo de homem e de mulher originários da sociedade patriarcal, traz como características posicionamentos hierárquicos, onde um se sobrepõe ao outro, impedindo assim a participação social de ambos os gêneros em diversos setores. Assim limitam a mulher ao espaço doméstico e direcionam suas ações sem que haja uma reorganização da sociedade que acompanhe as possibilidades de atuação desta mulher no contexto de sociedade atual.

[...] Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna

também o Estado. Ainda que não se possa negar o predomínio de atividades privadas ou íntimas na esfera da família e a prevalência de atividades públicas do espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo, e, portanto, as diferenças entre o público e o privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados. (SAFFIOTI, 2004, p.54).

A história nos apresenta ações deste sistema que vão contra a mulher, pelo simples fato de fixar um molde onde fosse possível caracterizar o papel feminino e suas funções de uma única e exclusiva maneira, sem que haja desconstruções e evolução no processo intelectual humano.

Os mecanismos utilizados para preponderar este sistema surgem logo na infância e se fortalece na adolescência, onde a submissão feminina vêm carregada de docilidade, fantasias e ordenamentos para que se obtenham um final feliz. Como vemos nos contos de fadas, onde a “princesa” tem a necessidade de estar em contato com o masculino, seja para receber proteção ou para dar continuidade ao anseio familiar, e assim, ser sempre grata ao cavalheirismo.

Outro ponto marcante na história da humanidade que favorece o patriarcalismo é o desejo dos casais que optam por terem filhos, almejando que a criança venha com o órgão genital masculino. Essa preferência está presente até os dias de hoje, como se apenas o sexo biológico determinasse o posicionamento e a evolução do ser humano. Isso também acompanha o desejo de dar continuidade ao comportamento do pai.

Todo mundo sabe, nunca foi segredo dos casais e até bem pouco tempo foi muito natural (foi?) que se preferisse o nascimento do menino ao da menina. Aliás, em certas culturas o nascimento de uma menina ainda pode ser recebido com desgraça social ou cósmica. (WHITAKER, 1992, p. 18).

Não satisfeito, quando nasce uma menina, novamente se fortalece o pensamento da cuidadora, aquela que acompanhará a mãe nos afazeres domésticos e nos momentos de enfermidade familiar.

Os problemas que cercam a atuação profissional da mulher em nossa sociedade vêm do processo educacional escolar, familiar e social.

Ainda que a escola afirme que não há construção nem discussão de gênero, o próprio formato de ensinamento e acompanhamento, onde prevalece o número de

mulheres professoras e que são tratadas como “tias” fortalecendo o papel de cuidadora vêm contrapor esta afirmação.

E firmar a separação hierárquica relacionada ao masculino e feminino, de acordo com Whitaker (1992, p. 57), significa afirmar que, “Em nosso país desde a “escolinha” dos ricos até as creches da classe operária, estendendo-se até a 4ª série, os professores serão invariavelmente mulheres. Os homens quando acontecem, serão diretores ou supervisores”.

Já no contexto familiar, a construção se faz através dos modelos, exemplos a serem seguidos, muitas vezes carregados de valores morais e cristãos. Aqui podemos perceber como são inseridas questões relacionadas à subordinação, a liberdade e ao comportamento social.

E assim damos seguimento à construção por meio da sociedade que além do patriarcalismo, carrega o capitalismo como fortalecimento do sistema opressor onde os papéis se diferenciam pela imagem (a mulher como objeto de exposição e o homem como mentor).

A mulher carrega certa restrição em se expor em meio à sociedade, já o homem é dado como locutor, que recebe este preparo para criar redes e contatos sociais para seu desenvolvimento intelectual e profissional. Até mesmo no processo de formação podemos identificar tal restrição direcionada à mulher que somente em 1879 por meio Decreto nº 7.247, as mulheres são autorizadas a cursar o Ensino Superior. Muitas, contudo, tiveram que enfrentar enormes preconceitos para fazê-lo. Atualmente, embora ainda haja resistência em algumas áreas, as mulheres já são maioria na Universidade - 12% da população feminina adulta têm o diploma, enquanto a masculina soma 10%.

No mundo da família em que cresceram nossas crianças, o pai vale evidentemente mais do que a mãe. Não estou falando de valor afetivo, já que nesse aspecto a mãe é mais importante, o que, aliás, complicará grandemente a situação. No mundo da propaganda – especialmente via TV e certas revistas - a mulher é o objeto de desejo que se transfigura milagrosamente em dona de casa ou empregada doméstica, quando se necessita de alguém para dissertar bobagens sobre as excelências dos detergentes ou batedeiras elétricas, o que me parece evidente desrespeito a essas duas categorias sociais, tão menosprezadas e sem as quais muitas pessoas, homens e mulheres, estariam obstaculizadas em suas realizações. (WHITAKER, 1992, p. 55).

O sistema patriarcal impossibilita o conhecimento de capacidades diversas, independente do sexo biológico de cada indivíduo, dando seguimento aos falsos valores que norteiam a mulher ao papel submisso e fortalece o papel do homem a opressão.

2.2 Feminilidade e feminismo: a guisa da fundamentação teórica

Parte-se sempre do conceito do qual a mulher nasce para auxiliar o homem, com base em ações passivas e sempre buscando um posicionamento que o agrade. A feminilidade reforça o comportamento através dos papéis tradicionais designados à mulher, desde suas atitudes, vestimentas, até o modo de se apresentar em meio à sociedade. Ainda que, para isso, as ações destas mulheres não estejam ligadas às tuas vontades e teu bem-estar.

Desde muito cedo as meninas são ensinadas a serem bonitas. Não haveria nada de errado nisso se o conceito de beleza fosse mais natural. Acontece que os maiores elogios dirigidos à beleza das meninas tem a ver com o fato de estarem limpinhas, perfumadas ou artificialmente enfeitadas (o que implica ausência de movimento). Uma menina será elogiada (e, portanto, potencialmente mais amada) pelos seus lindos cabelos, se estiverem penteados, ou pelo belo vestido bordado. Já existem sapatinhos de salto alto para meninas pequenas e até estojos de maquiagem infantil, duas verdadeiras aberrações quando se sabe dos danos causados à coluna e aos poros por tais artifícios supostamente femininos. Digo supostamente porque é sabido que o salto alto foi inventado por um homem (o rei Luís XV, da França) enquanto o colorido do rosto, em certas culturas indígenas, é muito mais utilizado pelos homens do que pelas mulheres. (WHITAKER, 1992, p. 36).

Podemos perceber que este tipo de comportamento não é algo satisfatório para todas as mulheres, isso por conta do contato social que nos possibilita a desconstrução e construção de papéis de cada indivíduo.

Na atualidade, temos diversas formas e características que representam uma determinada parte da sociedade, já não falamos mulher de forma unificada, pois trata-se de diversas situações que vão construir esta mulher, desde o contexto individual, até o contexto social em que a mesma vive, com relação à situações financeira, educacional e tudo o que der base à sobrevivência destas mulheres.

[...] Se a categoria “mulher” não corresponde a qualquer essência unificada e unificadora, a questão já não pode ser a de tentar desenterra-la. As questões centrais passam a ser: de que modo a “mulher” é construída como categoria dentro de diferentes discursos? Como a diferença sexual é transformada em distinção pertinente nas relações sociais? E como as relações de subordinação são construídas por meio dessa distinção? (MOUFFE, 2013, p. 269).

Se a construção humana se faz através do convívio coletivo, não tem o porquê limitar o desenvolvimento do ser mulher justificando esta limitação por ela ter nascido com um órgão genital feminino.

As necessidades diárias, sejam por escolhas, sejam por ausência de opção, irão fazer com que os papéis atribuídos às mulheres não correspondam ao papel que ela irá desenvolver em meio à sociedade. Isso, por estarmos tratando de gerações diversas. De diferentes capacidades, de opções, de enfrentamentos nas rotinas que cabem apenas a cada indivíduo decidir qual o melhor caminho a seguir ao buscar uma contemplação particular.

Ao dialogar com as mulheres assuntos relacionados à legalização do aborto, liberdade sexual e todo o tipo de violência, dentre outros assuntos que são pautas em suas atividades, o movimento feminista questiona o comportamento que foi imposto ao feminino e o quanto esta imposição restringe a socialização e o autoconhecimento de cada mulher.

2.3 Gênero e sexualidade: algumas considerações

Na definição da categoria gênero, podemos afirmar que se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

A nossa existência se produz socialmente em todas as sociedades e isso implica na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. Portanto, cada um dos gêneros representa uma particular contribuição na produção e reprodução da existência. Assim, a concepção dos gêneros se dá através das ações das relações sociais. Os humanos só se constroem como tal, vinculado a outros.

Saffioti (1992, p. 210) considera que,

[...] não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela

emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia.

A tentativa de formar o ser mulher enquanto subordinado, ou melhor, como sintetiza Saffioti (1992), como dominada-explorada, carrega a marca da naturalização, daquilo que não se questiona, já que dado pela natureza. Todos os espaços de aprendizado, juntamente com os processos de socialização vão reforçar os estereótipos e os preconceitos relacionados aos gêneros como próprios de uma suposta natureza (feminina e masculina), tendo como apoio, sobretudo a determinação biológica. A diferença biológica vai se transformar em desigualdade social e tomar uma aparência de naturalidade.

Portanto, a categoria gênero será estendida pelas teóricas do feminismo contemporâneo sob o ponto de vista de responder com base na compreensão, dentro de parâmetros científicos, o cenário de desigualdade entre os sexos e como este cenário opera na realidade e interfere na composição das relações sociais.

Por outro lado, o conceito de gênero procura abarcar questões históricas e contemporâneas no que se refere às relações desiguais entre os homens e mulheres. O termo vem do movimento feminista, que segundo Scott (1995), gênero é uma categoria de análise sociológica e histórica que permite compreender as relações sociais que estabelecem saberes para a diferença sexual, isto é, saberes que dão significados às diferenças corporais e que implicam numa organização social a partir delas. Estes saberes não são absolutos, mas sim relativos para cada cultura.

Na contemporaneidade os debates sobre a condição da mulher e principalmente sobre a produção de conhecimento na visão feminista vêm desenvolvendo-se e ganhando espaços na política, na sociedade e na academia. Scott (1995) coloca a necessidade de rever se estamos no campo das relações assimétricas de poder social, pois a concepção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado, imobiliza qualquer tentativa inovadora.

[...] construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade estabelecida dentro de certos limites e dotada de uma linguagem – uma linguagem conceitual que estabeleça fronteiras e contenha, ao mesmo tempo, a possibilidade de negação, da resistência, da reinterpretarão e permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação. (SCOTT, 1995, p. 86).

Para Scott, a questão da dominação de gênero não deve ser encarada como algo natural, ou simplesmente explicável. No interior de cada situação social e histórica, podem-se identificar resistência e múltiplas versões que, são mantidas, transformadas ou sustentadas, dependendo do aprofundamento teórico empregado como lente para interpretar, avançar e elucidar essa dominação.

Nesta perspectiva, torna-se de extrema importância levar em consideração a historicidade dos termos, “gênero e sexualidade” uma vez que vai ser justamente essa característica que permite transformações e mutações no que, fatalmente, fixamos como ‘correto’ e ‘normal’ às identidades sexuais e de gênero.

Para Michel Foucault, a sexualidade é um *dispositivo histórico*, ou seja, uma “invenção social” criada por discursos, normas e instituições que se encontram em determinados tempos e espaços históricos. Em outras palavras, a sexualidade é produzida ao longo da história, sendo, portanto, conceituada como,

[...] dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias do saber e dos poderes. (FOUCAULT, 2007, p. 100).

Atualmente a vigilância e o controle social fazem da sexualidade um alvo, onde algumas instituições e instancias permitem-se ditar regras ao comportamento humano por meio de tradições conservadoras. Conforme o Código Civil Brasileiro (1916), somente em 2002, no Brasil, ocorre o fim da possibilidade de anulação de casamento caso o homem constatasse que a mulher não fosse mais virgem.

A sexualidade que faz parte do processo inacabado da construção humana, isso por tratarmos de diferentes gerações que se conectam através do mesmo meio social, não se dá como uma sociedade limitada às relações de contato e de construção onde haja uma única fórmula de práticas e vivências sociais.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas insinuam-se nas mais distintas situações, é empreendido de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. (LOURO; 2008, p.18).

De acordo com o Código Civil Brasileiro: em 2005 o termo "mulher honesta" foi retirado da Legislação, permitindo, assim, proteção à integridade física e a liberdade sexual de todas as mulheres.

O movimento feminista dialoga sobre a construção determinada ao posicionamento feminino, sobre as regras de comportamento que as mulheres recebem ao se tornarem parte da sociedade e o quão cruel é este processo. Um exemplo dessa crueldade pautada pelo movimento é a culpabilização da vítima em relação ao assédio e violência sexual, onde a mulher é identificada como mentora dos atos violentos direcionados à mesma.

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeita-la e muitas vezes fracassam em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. (FOUCAULT, 2007, p.114).

2.4 A oposição ao movimento feminista

Hall (1997, p. 49-50) mostra que o feminismo introduziu aspectos inteiramente novos na sua luta de contestação política, na medida em que abordou temas como “[...] família, sexualidade, trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, etc.” Além disso, enfatiza que:

[...] como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas) [...] aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. (HALL, 1997, p, 49-50).

Entendido como movimento social iniciado na década de 60, no Brasil, e que recebe também o nome de “Movimento das Mulheres” no ano de 1975 a Organização das Nações Unidas – ONU instituiu o “Dia Internacional das Mulheres” que é comemorado todo dia 8 do mês de março. Na categoria denominada de feminismo, a mulher aparece como indivíduo, um sujeito normal, inconformado com o seu papel na

sociedade reivindicando uma posição política, ou seja, direitos sociais, educação, trabalho e respeito.

Além disso, esse movimento denunciava e continua a denunciar o preconceito ocasionado pela diferença sexual, biológica, física e corpórea entre homem e mulher, pois a opressão contra mulher é tomada no sentido universal, não obstante hoje, essa diferença não seja considerada apenas sexual, mas de gênero, tendo em vista que a desigualdade não aconteceria apenas por diferenças sexuais, mas por tudo o que é criado e inventado socialmente a respeito dessas diferenças ao nível das ideias.

Desta forma, o movimento feminista carrega desde sua formação diversos olhares externos que se opõem à sua existência, muitas vezes relacionados à classe social, o religioso e a possível ameaça ao poder masculino. Observar e entender estas resistências torna-se necessário para a desconstrução de barreiras que impediriam o fortalecimento e a permanência desta articulação.

Para os homens, são inadmissíveis e muitas das vezes inaceitáveis que as mulheres se rebelem a ponto de saírem de seu papel de esposa, mãe, filha e irmã cuidadora, mulheres que, neste contexto, devem obedecer às ordens que lhes convém sem que haja questionamentos partindo das mesmas. Quando a mulher não aceita e desvia-se deste campo de submissão e serve, torna-se uma ameaça em meio aos espaços que foram, todavia, direcionados apenas pela ocupação masculina.

Há também uma insegurança crescente diante do futuro, pois não conseguem perceber por onde vai esse movimento nem as consequências da emancipação da mulher nos diferentes setores da vida social e familiar. Os homens se sentem eles mesmos sujeitos histórico importantes desse processo que é maior do que algumas conquistas das mulheres [...] (GEBARA, 1989, p. 19).

Nesta perspectiva, o movimento feminista também encontra oposição vinda das próprias mulheres, isso muitas das vezes gira em torno dos valores morais e da dificuldade em entender o movimento feminista como um movimento social que está em busca de igualdade nas questões relacionadas ao gênero. Porém ao tratarmos da questão relacionada às classes sociais destas mulheres temos outro contexto referente a esta oposição, que é o conforto de algumas destas mulheres em estarem no papel “frágil” na sociedade, em não contrariar o que lhe foi destinado por natureza, ou seja:

Nas classes médias e altas, o problema da resistência ao movimento feminista muda de figura. Muitas mulheres dessas classes não querem perder o “privilegio” de seu lugar social e, ainda, o “privilegio” de serem bonecas de luxo, rainhas do lar, mães- mártires. Estes comportamentos lhes dão identidade e segurança. Criticam o movimento feminista ou qualquer esforço de emancipação da mulher como se fosse da ordem estabelecida por Deus [...]. (GEBARA, 1989, p.20).

Ainda neste contexto cristão, temos diversas oposições ao movimento, principalmente ao tratamos das questões relacionadas à liberdade sexual, liberdade ao corpo e liberdade de escolha à maternidade.

As lutas de libertação das mulheres têm historicamente o caráter da escala do corpo: do controle de fertilidade às políticas de aborto, punições às violências sexuais e outras invasões ao corpo da mulher sem consentimento, maneiras de se vestir, mutilação/alterações corporais marcadas pelo gênero, chegando aos lugares que o corpo da mulher pode acessar na escala urbana, saindo do âmbito “doméstico”, para as ruas. (HELENE, s/d, s/p).

O movimento feminista questiona os dogmas e as doutrinas religiosas, não aceitando uma única interpretação referente à origem da humanidade. Analisa o papel da mulher dentro da igreja e as ações que, com base no conservadorismo cristão violentam os direitos humanos destas mulheres.

CAPÍTULO III

3. PESQUISA

Neste capítulo, foi dada ênfase ao conceito de pesquisa, bem como destacar os eixos do caminho metodológico, para posteriormente apresentar as mulheres que foram entrevistadas, as categorias de análises e por fim as narrativas como enredo e as análises necessárias.

3.1 O que é pesquisa?

De acordo com Gil (2007, p. 17), pesquisa pode ser definida como,

[...] o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Nesta perspectiva só se inicia uma pesquisa quando existe uma indagação, uma dúvida para aquilo que se pretende buscar uma resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa.

As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razões práticas (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz).

3.2 Problema

Tendo como referência histórica, determinadas dimensões do passado onde evidenciam o poder masculino e a naturalização do papel feminino, acompanhamos a mobilização e atuação da mulher na sociedade de maneira ativa a assumir um posicionamento protagonista dentro de um movimento social. E nos questionamos o que leva a escolha de tal integração e participação. Há quanto tempo estão buscando conquistas e quais foram os avanços decorrentes desta busca? Quais os desafios a serem enfrentados e a necessidade de expor a escolha de transformação e o não seguimento do modelo feminino que lhe foi determinado em tempos passados?

3.3 Hipótese

A ausência de políticas públicas, a não aceitação aos estereótipos e ao sistema patriarcal ainda existente em alguns setores, fazem com que mulheres busquem atuar em movimentos que possam fortalecer o protagonismo feminino e a tomada de decisões em suas escolhas pessoais e na busca por democracia social e igualdade de gênero.

3.4 Objetivos

a) Geral: Conhecer as necessidades e motivações que levaram mulheres participantes de movimentos feministas a assumirem tal posicionamento e se tornarem parte de determinado movimento social.

b) Específicos:

- Levantar o perfil das mulheres que participam de movimentos feministas;
- Analisar se sofrem de discriminações decorrentes do interesse em se auto declarar como feminista,
- Conhecer as necessidades que direcionam e levam mulheres a atuarem em movimentos feministas;
- Verificar quais as mudanças ocorridas em suas rotinas após se tornarem parte do movimento feminista;
- Averiguar os limites e as possibilidades para se manterem nos movimentos e se estes os transformam em protagonistas das suas histórias;

3.5 Metodologia

Com o objetivo de conhecer as necessidades individuais das mulheres que optaram em se tornarem parte de um movimento feminista e conhecer seu cotidiano, assim como compreender como se dá sua atuação nesses movimentos, tornou-se importante ainda, indagar se elas utilizam desses movimentos como um meio articulador para a conquista de direitos.

Desta forma foi realizado um resgate histórico sobre a existência do movimento feminista e suas conquistas, para que possamos compreender o quanto se evoluiu e

quais as ausências que faz com que este movimento iniciado na década de 60 (Brasil) se torne presente entre outras gerações.

Leva-se ainda em consideração a importância da autora deste trabalho de , de estar em contato direto com participante de movimentos feministas e acompanhar as vivências dentro destas articulações. A pesquisa foi realizada na perspectiva qualitativa, e teve como orientação filosófica o materialismo histórico dialético, pois Frigotto (1991, p. 76-77) afirma a respeito que, “O método de análise, na perspectiva dialética materialista, não se constitui em ferramenta asséptica, uma espécie ‘de metrologia’ dos fenômenos sociais” [...]. Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. Portanto a pesquisa qualitativa nos permitirá ainda, conhecer as emoções e experiências através do relato oral e da história de vida de quem participa ativamente deste movimento.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o Universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO 2006 apud MINAYO, 2015, p. 21).

Pois, de acordo com Fernandes (s/d, p. 708), “Pesquisa de campo envolve não só angústia, mas, também, encantamento que advém do que é revelado através do discurso do informante: sabedorias insuspeitas, corajoso enfrentamento da vida, singelas alegrias, lições de solidariedade”.

Assim, para a realização deste trabalho a pesquisa qualitativa foi uma possibilidade de analisar as diversas facetas da realidade social, a partir de um estudo aprofundado levando-se em conta a subjetividade das mulheres que foram investigadas cujos relatos compõem o objeto de estudo, ou seja, os contextos sociais apresentados.

Na busca, de autores para a realização da pesquisa bibliográfica foram privilegiadas além de outros as autoras como Simone de Beauvoir (1970); Ivone Gebara (1989); Heleieth Saffioti (2004), as quais abordam a questão de maneira a nos relatar a construção do papel da mulher na sociedade e a importância de desconstruirmos o que nos tornam inferiores sendo parte desta sociedade.

Apresentam-nos a problemática relação de poder entre os gêneros, que implica em uma relação social e nos faz pensar na necessidade de compreender a nossa atuação em diversas representações sociais.

Tendo em vista a discriminação existente e a afirmação estereotipada em relação ao perfil da mulher feminista, que a rotula como alguém que sofreu algum tipo de violência física ou alguém que não encontrou um homem que a fizesse feliz e, por isso, assume tal posicionamento na sociedade.

Para que possamos conhecer o feminismo presente na história de vida das mesmas e o verdadeiro motivo que movimenta esta participação, utilizamos da técnica de entrevista, pois, segundo Minayo (2015, p. 64). “[...] ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. ”

Importante ressaltar que para as entrevistas nas pesquisas qualitativas na perspectiva sociologia trabalhamos com: significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares. Entretanto, os dados quantitativos e os qualitativos acabam se complementando dentro de uma pesquisa (MINAYO, 2015).

Na pesquisa realizada a técnica empregada para a coleta dos dados deu-se por intermédio da história oral, ou seja,

Trabalhar com História Oral é basicamente recorrer à palavra do outro, à palavra suscitada em função de um projeto de pesquisa, à palavra do outro obtida em um processo de interação entre os pesquisadores e o narrador, a palavra do outro gravada e transcrita que se transforma em um documento, a palavra do outro cuja análise permite responder às indagações formuladas pelo projeto de pesquisa, ou mesmo para a preservação da memória de uma sociedade e de uma época, através do testemunho dos que nela viveram. (LANG, 1996, p. 1).

Esta técnica possibilitou conhecer a atual situação das mulheres participantes de movimentos feministas, juntamente com uma reflexão durante as entrevistas, a respeito de como se iniciou esta atuação.

Os diálogos com as mulheres transcorreram individualmente, ou seja, em uma conversa aberta para que fosse relatado o interesse em se tornar parte de movimentos feministas e o que esse posicionamento refletia em sua vida pessoal e social.

As entrevistas foram gravadas, e conforme as palavras de Queiroz (1991, p. 57), “A captação de informações, depoimentos, histórias de vida, por meio do gravador representa, sem dúvida, uma ampliação do poder de registro dos pesquisadores”.

Além da entrevista, foi utilizado um formulário (conforme apêndice **a**) para conhecer o perfil destas mulheres e comparar ao que o senso comum nos informa a respeito deste perfil, ou seja, se passaram ou não por algum tipo de violência, qual a composição familiar, estado civil e orientação sexual.

Assim, “[...] buscou-se versões dos fatos, pressupondo a existência de lacunas espaciais e temporais e aceitando a subjetividade implícita no relato, tanto da parte do narrador, quanto do pesquisador que procedeu a sua coleta”. (LANG, 1.996, p. 37)

Por outro lado, a História Oral na contemporaneidade vem sendo utilizada por ciências diversas como: “sociologia, antropologia, história, psicologia”. Todavia, “coloca-se a questão da interdisciplinaridade, ou da multidisciplinaridade, ou seja, em que medida a utilização da História Oral por diversas ciências a caracterizaria como um procedimento interdisciplinar”? (LANG, 1986, p. 1)

Desta forma, foram eleitas para a pesquisa 05 mulheres que participam de movimentos feministas, mas que não são filiadas a nenhum deles. As entrevistas ocorreram aleatoriamente, utilizando um roteiro semiestruturado (conforme apêndice **b**) levando-se em consideração o interesse das mulheres em colaborar com a entrevista. Pretendeu-se ainda, dentro das mulheres que foram entrevistadas colher depoimentos de uma assistente social que participa como ativista do movimento feminista.

3.5.1 Apresentação das entrevistadas: Quem são essas mulheres?

Este subtítulo dedicar-se-á em apresentar o perfil dos sujeitos da pesquisa, ou seja, as mulheres militantes do movimento feminista, as quais serão denominadas por um codinome escolhido pelas mesmas tendo em vista se identificarem com outras feministas, bem como para preservar as suas identidades conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que compõe o anexo I. A seguir os perfis das participantes da pesquisa conforme ordem cronológica das entrevistas a saber:

A primeira participante é uma assistente social, 29 anos, heterossexual, solteira, que há três anos atua na Casa Viviane dos Santos que tem como objetivo atender mulheres vítimas de violência. Foi entrevistada aos 21/01/2016 e denominou-

se de Ana. Ao denominar-se pelo codinome mencionado, se refere a Ana Montenegro por uma identificação ideológica e política. Nas suas palavras,

A Ana leva o nome do coletivo que eu faço parte, coletivo feminista, classista Ana Montenegro. A Ana foi uma feminista cearense, comunista e nordestina. Ela tinha todas essas características que eu admiro muito. Foi uma grande mulher na luta pela emancipação, pelo menos pela conquista de nossos direitos aqui no Brasil.

Em 22/01/2016 entrevistei a segunda participante, Alexandra Kollontai, 30 anos, lésbica, solteira, mora há três anos com sua companheira, cursa Serviço Social e trabalha a um ano na ONG (Centro de Cidadania LGBT) onde exerce a função de Articuladora Social LGBT, e que se denominou como tal alegando que tomou o conhecimento desta feminista somente em 2015, pois,

[...] ela escreveu em questão do feminismo da classe trabalhadora. [...] eu comecei a me encantar muito pelo que ela escreve e trazendo muito um pouco da atualidade, se a gente for perceber os escritos da Kollontai ainda são muito presentes hoje no século XXI, quando a gente fala da questão do trabalho remunerado para as mulheres e ela falava isso no início do século XIX, essa questão do próprio amor livre que acho que para ela as pessoas tinham que ser livres, ninguém tinha que pertencer a ninguém, e acho que trazendo para a atualidade a gente tem debatido muito isso e até mesmo quando a gente fala da submissão das mulheres.

Aos 24/01/16 dando continuidade à pesquisa, entrevistei a participante que se denominou de Saffioti, em homenagem a Heleieth Saffioti, possui 35 anos, heterossexual, casada, mãe de duas crianças, assistente social há cinco anos, atualmente exerce as funções na defensoria Pública de São Paulo. Quanto aos motivos que o levaram a denominar-se de Saffioti, alegou que,

[...] acho que poderia me chamar como Saffioti, porque a Saffioti, representa uma descoberta. O caminho da descoberta mesmo das discussões sobre gênero sobre a história das mulheres e acho que é uma forma de homenagear ela, que é uma figura importante para movimento feminista no Brasil, para teoria mesmo, então acho que poderia ser esse o nome.

A quarta entrevista ocorreu aos 20/02/2016, cuja participante denominou-se de Ângela Davis, possui 35 anos, heterossexual, solteira, Formada em Ciências Sociais trabalha há três anos no Centro de Defesa da Mulher onde exerce as funções de Coordenadora. Quanto aos motivos de denominar-se de Ana Davis, ressaltou que,

*[...] agora (**momento da entrevista**) eu me chamo Ângela e essa referência tem a ver com Ângela Davis, para mim é uma autora feminista, negra,*

marxista, comunista, uma mulher extremamente brilhante assim, com as coisas que ela escreve, muito lúcida e tem sido uma referência para mim, muito mais agora de um ano e meio para cá, embora eu conhecesse um pouco a trajetória da Ângela Davis, mas eu tenho me aproximado das leituras dela, né? E eu acho que ela é uma intelectual que pode contribuir que contribui e pode contribuir muito para o pensamento (pensamento), movimento feminista, para o movimento negro, a partir das reflexões que ela faz sobre uma mudança na sociedade, assim, então Ângela Davis é uma mulher admirável. (grifo da autora).

A quinta e última entrevista ocorreu aos 26/02/2016, cuja participante denominou-se de Margarida Maria, possui 31 anos, lésbica, solteira, formada em Serviço Social. Atuante há três meses como Assistente Social na SMADS (Secretaria Municipal Assistência Desenvolvimento Social). Relata a escolha de denominar-se como Margarida Maria, pela seguinte admiração:

Eu escolho a Margarida Maria que é uma Martir da igreja, é da época de, vivia no auge da teologia da libertação e essa mulher escolheu morrer na luta do que morrer de fome, como uma mãe, mulher, trabalhadora, como uma militante, né, por direitos. Acho que eu me identifico com esse, com essa entrega, né? Então, eu escolho ela.

Ao se identificarem com cada uma das mulheres demonstraram em seus relatos, o reconhecimento e a admiração pelas mesmas, ou seja, desejaram homenageá-las, para mostrar como cada uma ao seu tempo atuou como ativistas de movimentos feministas na luta pela igualdade e pela emancipação da mulher, bem como, no exercício intelectual fomentando a discussão sobre gênero, violência de gênero entre outros. Tudo isso nos permite avaliar o quanto é importante ter uma representação histórica para fortalecer a atuação e a permanência dentro de um movimento, representação esta que vem pontuando os fundamentos de uma escolha ideológica, junto a uma atuação permanente, para dar seguimento ao que originou em décadas passadas. Embora as entrevistadas tenham identificado o que estava posto em seu dia a dia, precisaram de uma leitura e de uma participação mais ativa para então, conseguirem se desvincular do que estava imposto em relação ao comportamento familiar e social e que não estavam contemplando o querer individual de cada uma delas.

3.5.2 As categorias de análise

Após traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa, passamos então a eleger as categorias de análise quais sejam:

- Os motivos levaram a busca dos movimentos feministas e a representação destes nas suas vidas.
- As mudanças significativas que ocorreram do ponto de vista pessoal, mas e também social e político.
- Sobre a ideologia feminista no local de trabalho e como e avaliação da visão das mulheres com as quais dialoga no trabalho sobre a questão feminista.
- Se os movimentos feministas podem ser considerados ferramentas para a mudança da visão que algumas mulheres ainda detêm, que produzem o sistema patriarcal ainda vigente na nossa sociedade.
- Avaliação dos discursos em relação às feministas

3.5.3 Análises das entrevistas: narrativas que falam

A partir das narrativas colhidas enquanto resultado da coleta de dados torna-se importante trazê-las para o texto como enredo, ou seja, recortar os excertos que são mais significativos no que diz respeito aos objetivos que foram traçados neste estudo.

Nesta direção, no quesito em que se refere aos motivos relacionados à busca do movimento feminista, e a representação destes nas suas vidas os relatos que seguem traduzem como cada participante se introduziu no movimento ao narrarem que:

Então, na verdade foi (discussão) uma construção muito gostosa de fazer, porque na época da minha graduação eu não tive muita aproximação e, na verdade antes disso, eu nunca tinha tido nenhuma aproximação com a discussão da questão da mulher. A minha militância e meu processo de militância ele se deu dentro da igreja católica, fiz parte da pastoral da juventude, então eu achava aquele cenário um cenário muito crítico e me chamava muita atenção. Não me recordo de, dentro deste cenário, de ter feito uma discussão sobre o papel da mulher neste processo, embora nós mulheres fôssemos a maioria, hoje pensando, nós éramos a maioria naquele cenário. Depois fui pra faculdade, fui fazer Serviço Social, um curso que é majoritariamente composto por mulheres e que eu também não via no cenário e na hora da vez dos debates a questão da mulher, a questão do feminismo ou a questão de gênero, que fosse. A discussão do que é a mulher na sociedade, como que a mulher é representada, como ela é entendida nessa sociedade, e aí passei a discutir e a entender o que é o machismo, o que é o patriarcado, o que é o feminismo. Foi a partir destes dois momentos, então eu coloco como dois momentos muito importantes, a minha organização

política, minha organização dentro de um partido político, essa aproximação desse coletivo e a Casa Viviane, porque um, na verdade, deu subsídio para o outro. **(Ana Montenegro)**

[...] quando eu conheci o feminismo mesmo de fato, eu tinha 15 anos de idade, que foi uma grande amiga minha, que até a gente ainda é muito amiga que é a Alziane, e a mãe dela tinha um movimento chamado “Maria Sem Vergonha”, aí ela falou: “AH! Vamos lá na reunião com a minha mãe, do movimento”, era um movimento que era da igreja católica, e aí elas foram expulsas da igreja por que elas começaram a falar dessa questão da submissão das mulheres que os homens oprimiam muito as mulheres dentro da igreja, e o padre e os líderes da igreja expulsaram o movimento da igreja, mas até hoje elas continuam fazendo o trabalho sabe, mas não cristão, e foi lá que eu conheci o movimento feminista, foi quando eu me encantei pela primeira vez, aí eu falei: “Acho que é isso que eu quero para minha vida”.[...] o feminismo ele trouxe algo para minha vida que foi a libertação, acho que me libertei de muita coisa, eu pude me perceber enquanto mulher, pude perceber quando vejo uma mulher oprimida posso fazer alguma coisa por essa. Ele é libertário, para mim o feminismo é libertário e é muito comunitário, por que não adianta a gente trabalhar a nossa liberdade e não trabalhar, por exemplo, a liberdade de uma outra mulher. **(Alexandra Kollontai)**

Na verdade, quando, eu sempre ouvir falar do feminismo desde pequena, muito de “orelhada”, algumas pessoas que comentavam, a minha mãe ela é uma mulher que por muitos anos desde que eu me entendo assim por gente, participando de algum tipo de movimento, de alguma organização no bairro, então a gente sempre, como ela sempre carregava a gente pra todo canto que ela ia, nós somos em três irmãos e pequenos, não tinha com quem deixar, a gente caminhou muito junto com ela pra esses espaços, né? E nesses espaços a gente ouvia falar, é, não que ela fosse feminista, não eram espaços de articulação nenhuma feminista, mas de alguma forma talvez tinha alguma proximidade, então de ouvir falar, mas nunca fez o menor sentido, só foi fazer sentido pra mim o feminismo quando eu fui fazer serviço social e não foi nem no curso de serviço social, foi por conta do estágio em serviço social, numa casa pra mulheres em situação de violência, uma casa abrigo para mulheres em situação de violência, com risco de morte e foi aí então que eu me deparei com toda essa discussão e algumas coisas foram se encaixando [...]. **(Saffioti)**

[...] eu acho que eu me aproximei um pouco quando a gente começa a si perceber mesmo como mulher. Das injustiças, em casa, muitas vezes você se rebela muito com a educação que você tem que é diferente da educação que seus irmãos recebem, da divisão de tarefas. [...] inclusive meu tema de trabalho foi sobre gênero e trabalho, né? Sobre a invisibilidade de um determinado seguimento de profissão, o das mulheres. Da inviabilidade do trabalho das mulheres, do status que alguns trabalhos têm que é desvalorizado em relação aos homens. Então acho que devo dizer que foi nesse período e daí pra frente foi só se aprofundando. **(Ângela Davis)**

A minha história, ela, ligada ao movimento feminista ela se dá muito mais pela minha aproximação ainda no universo religioso, né? Na igreja católica, pastoral da juventude, é... Também ainda no espaço acadêmico, né? Que claro, tem uma relevância imensa. E nesse contexto de vida acadêmica no serviço social, que é uma pegada de militância e num ambiente eclesial com a juventude, com a pastoral mais aberta [...]. **(Margarida Maria).**

Cada narrativa demonstra o modo particular em que cada uma das entrevistadas apresenta os motivos para uma aproximação com o movimento.

A entrevistada Ana Montenegro traz na sua narrativa a sua inserção na militância através da pastoral da juventude dentro da igreja católica e durante sua formação no curso de Serviço Social, mas afirma que a discussão de gênero não iniciou por meio destes espaços e sim por meio de sua organização política dentro de um partido e sua participação no coletivo feminista.

Alexandra Kollontai conheceu o movimento “*Maria Sem Vergonha*” por intermédio de uma amiga, cujo movimento pertencia a Igreja Católica, no entanto, na medida em que as mulheres passaram a discutir a opressão que sofriam dos homens foram expulsas do movimento pelos padres que lideravam a igreja.

Já Ângela Davis traz na sua narrativa as injustiças sofridas dentro da própria casa, inclusive quanto à divisão de tarefas. Margarida Maria comenta sobre a Pastoral da Juventude enquanto espaço de militância a partir de uma pastoral que proporcionou maior abertura. Ainda do ponto de vista da representação do movimento em suas vidas cada uma tem a sua opinião trazendo em suas narrativas a forma como elas são entendidas nessa sociedade, a libertação, a inviabilidade do trabalho das mulheres e o contexto do curso de Serviço Social.

Por outro lado, e levando em consideração a narrativa da Ana Montenegro, observa-se que na academia há uma ausência de discussões sobre gênero, especialmente no curso de Serviço Social, uma vez que este curso reúne na sua maioria mulheres, cujo espaço seria a oportunidade de ampliar o diálogo referente ao papel da mulher na sociedade. Ainda pensando nesta perspectiva e linha de atuação dos profissionais, com relação aos movimentos sociais, entende-se que:

As profissões em particular o Serviço Social precisa conhecer em profundidade a agenda política desses movimentos, posto que suas reivindicações sinalizam a existência de profundas formas de violação de direitos e de opressão que parecem naturalizadas em diferentes instituições e dimensões da vida social. Apreender as determinações societárias e as particularidades daquilo que explora, viola e oprime constitui-se um desafio que fortalece o projeto ético-político profissional. Defesas imediatas por direitos bem como um projeto alternativo à sociabilidade capitalista, obrigatoriamente têm que assegurar a inclusão da diversidade humana e o enfrentamento às subalternidades sociais naturalizadas, se não desejarem reproduzir formas históricas e consolidadas de opressão e exploração que obstaculizam ainda mais a construção da liberdade substantiva. (CISNE; SANTOS, 2014, p. 172)

A entrevistada denominada Saffioti traz “*o movimento feminista como ferramenta*”, tendo em vista que determinadas pautas são das mulheres, e se estas

não se articularem/mobilizarem para desconstruir todo o processo histórico isto inviabilizará todas as lutas contra a discriminação e outros aspectos que rebatem na vida social desta categoria, ou ainda restringirá a sua participação social.

Em relação às mudanças significativas que ocorreram do ponto de vista pessoal, mas também social e político, as entrevistadas relatam o quão significativo foi este processo ao afirmarem que:

Por um tempo eu militei no movimento estudantil de serviço social, na verdade durante minha graduação e também militei na pastoral da juventude quando eu era mais jovem, antes de iniciar a graduação. Eu não tinha o olhar de gênero nesse período enquanto eu estava militando nesses espaços, embora eu soubesse e sentisse algumas inquietações em relação a como nós mulheres nos inserimos nesse espaço, a como nós mulheres somos muitas vezes caladas, desvalorizadas mesmo, enfim. Por mais que sejam espaços críticos com pessoas críticas, às vezes são pessoas que reproduzem na medida, aquilo que vivenciamos no cotidiano, ou seja, relações machistas, homofóbicas muitas vezes, lésbofóbicas, enfim... Quando eu terminei a graduação, foi quando de fato eu comecei a me aproximar da discussão do feminismo, da discussão de gênero primeiramente muitas coisas passaram a fazer mais sentido pra mim, tanto na minha vida pessoal quando na minha vida política da militância. [...] Eu percebo que o feminismo me deu a possibilidade de perceber que a questão de gênero é uma questão transversal e que ela aparece em todos os momentos da nossa vida. E significar isso e dar nome para isso é muito importante porque nos ajuda, na medida do possível, nos organizarmos para enfrentar e combater estes tipos de ações machistas, retrógradas e que muitas vezes nos impossibilitam de avançar na luta. (Ana Montenegro).

[...] sou muito grata as feministas antigas, a gente costuma dizer antigas né, mas as feministas mais velhas, porque acho que elas me ensinaram muito isso, eu sempre procuro ler algumas coisas sobre o feminismo, e o primeiro livro de feminismo que eu li foi da Amelinha Teles, que foi "A História do feminismo no Brasil", e a Amelinha ela fala muito nesse livro sobre essa questão de como as mulheres brancas feministas não lutavam pelas mulheres negra que limpavam suas casas por exemplo. E aí a gente vê ao mesmo tempo um avanço quando a gente fala da primeira onda do feminismo, que é a onda da questão do voto, aí vem à segunda onda quando você fala da questão dos próprios direitos iguais, e a terceira onda você já vai debater a própria questão da liberdade do corpo, aí você traz a questão das transexuais, traz a questão das mulheres lésbicas, então eu acho que ele vai avançando a cada dia que passa nas principais faltas, ele não é uma pauta única, o feminismo ele não luta por um tipo de classe de mulheres hoje, eu costumo dizer que ele é muito plural, a gente está numa pluralidade muito grande dentro do feminismo. E eu acho que quando a gente traz essa questão do feminismo plural, a gente tem que lutar pela luta de todas as mulheres, e aí por mais que as pessoas falem: "ah por que a lei Maria da Penha foi uma conquista do governo Lula", e não foi uma conquista do governo Lula, ele foi uma conquista do movimento de mulheres, do movimento feminista, que foram até lá e exigiram [...]. Alexandra Kollontai.

[...] eu achava que era um problema do meu pai e da minha mãe e achava que eles que, né, assim uma coisa que era íntima e que não tinha nenhuma relação com a sociedade, né? E aí quando você entende um pouquinho mais que não, que isso é, vem, tem uma trajetória histórica cultural e que outras pessoas passam por isso e que isso tem muito a ver com a forma que a gente

cria, que a gente se educa, como é que a gente vai organizando as relações mesmo, e que começa em casa muitas vezes, né? Muitas vezes não, começa em casa sempre e depois a gente vai reproduzindo isso em outros espaços, seja na escola, seja no trabalho. Então as coisas começaram a se encaixar, então na relação pessoal essa coisa da família foi muito forte pra mim. Perceber por exemplo como é que minha mãe e o meu pai reproduziam toda a desigualdade de gênero, né? Reproduziam entre eles e reproduziam com nós, com os filhos. Então eu tenho um irmão e uma irmã mais nova que eu, o irmão também, o irmão é o do meio. Mas a diferença de idade do irmão é de um ano, então a gente praticamente da mesma idade, a gente brincou muito junto, mas a diferença de tratamento em casa das atividades, assim, das coisas que eu me tornei responsável dentro de casa, das atividades domésticas e das coisas que ELE fazia são totalmente diferentes, totalmente diferentes. Então as coisas começam a se encaixar, assim, então acho que a primeira coisa foi, é isso assim, o quanto que o meu pai, a força que ele tinha de determinar as coisas muito mais á modo dele enxergar, prevalecia. Então o primeiro rompimento foi obviamente sair de casa, é porque aí quando a gente vai começando a perceber o quanto que isso tem força e o quanto que, de repente não faz mais sentido porque a gente está entendendo, passa á entender algumas coisas, aí eu não dei conta de permanecer, então a primeira briga que a gente teve depois que as coisas começaram a se encaixar, eu não dei conta de continuar em casa e sai, fui tocando minha vida, enfim... (Saffiotti).

[...]Tem uma coisa que é fundamental, que é um pouco essa história de autoconhecimento, embora a gente fale muito de empoderamento das mulheres e tal, a gente fala de um empoderamento pra luta mas também um empoderamento sobre si. Sobre tomar consciência de quem você é. Você é um sujeito histórico social, uma mulher que está inserida numa sociedade, mas como que essas coisas te afetam, como que a gente precisa dar conta da nossa subjetividade, nos cuidando também, nos conhecendo e percebendo que tipo de pessoa que a gente vai se tornando, que a gente é, enfim. Eu acho que não existe nenhum outro movimento que me fez entender isso com tanta clareza. (Angela Davis)

Quando eu começo a me deparar nesse movimento acadêmico, pastoral né? Com o (discurso) o movimento feminista eu começo a perceber o quanto eu venho, do meu seio familiar, de uma relação extremamente de violência e o quanto eu já, mesmo sem ter consciência, já tive que me posicionar na relação com os meus pais entre eles mesmos, com os meus irmãos, inclusive física. E o quanto isso era naturalizado, e por mais que me indignasse essa naturalização, porque é o irmão homem que tá batendo, então você abaixa a cabeça porque você provocou né? E por mais que me incomodasse, eu não tinha alternativa, porque era o discurso dominante e eu não tinha força pra ir contra isso. [...] Então assim as coisas foram tão sutis, as manifestações de machismo foram tão sutis, mas tão agressivas que infelizmente eu acabei sendo aquela que teve acesso á perceber, á ter uma consciência disso, dessas opressões, como estavam lidando. Já a minha irmã, minha mãe, meus irmãos e meu pai, pra eles, era assim e tinha que ser assim. (Margarida Maria)

Nesta categoria, as entrevistadas narraram as mudanças que identificaram após se tornarem parte do movimento feminista.

O relato de Ana Montenegro, Saffiotti e Margarida Maria trazem algo em comum, ou seja, a percepção dos fatos cotidianos com características de violações e desigualdade de gênero, que até então eram naturalizados por elas mesmas e

somente após a proximidade com a temática de gênero e feminismo, começaram a identificar o machismo e suas formas de opressão, principalmente, no cenário familiar e na divisão de tarefas domésticas. Já Alexandra Kollontai, traz a necessidade de lutar por um feminismo pluralista, onde todas as mulheres sejam contempladas pelas pautas deste movimento. Ângela Davis fala da importância do autoconhecimento das mulheres, sobre o conhecer seu papel na sociedade e identificar o que afeta este processo de inserção social e o quanto se tornar parte do movimento feminista fez com que tal entendimento fosse possível.

Percebe-se nos relatos acima, a importância de aprendizado dentro de um movimento que dá as participantes oportunidade de observar e desnaturalizar os fatos que tem como característica a desigualdade de gênero. O posicionamento de maneira crítica destas mulheres perante a realidade posta é uma forma de resgatar meios para romper com as ações baseadas nos privilégios que surgem seguidos pela origem familiar, que se tornaram ações que violam os direitos de grande parte delas que compõem esta família.

Engels (2012) ao falar da família monogâmica e sua origem caracterizada pela dominação exclusiva do pátrio poder, nos remete as formações de famílias existentes nos dias de hoje, que embora os acontecimentos diários carreguem essências da origem e sejam desgastantes aos demais membros da família, nossos valores morais e nosso posicionamento conservador perante uma rotina, nos impossibilitam identificar as desigualdades existentes nos locais de convivência. Isso muitas vezes pela obediência a qual nos submetemos no que se referem aos rótulos familiares.

Sobre a questão feminista e como dialogam sobre o feminismo no espaço ocupacional, relataram que,

Eu tenho certeza que fui muito privilegiada, no ponto de vista profissional. Nós, na Casa Viviane, além de poder fazer isso com as mulheres, temos total liberdade, não só técnico como do ponto de vista ideológico e político. Não existe uma fiscalização para saber se estamos doutrinando essas mulheres para o feminismo, que a questão não é essa, a questão é que a gente traz da realidade dessas mulheres, fazemos com que elas reflitam sobre coisas que o feminismo fala, só que de outra forma [...] E não é qualquer feminismo, é um feminismo onde elas se reconheçam, o lugar onde elas estão, o lugar que elas ocupam como mulher trabalhadora, preta, periférica. Não é qualquer mulher, nós não somos todas iguais e elas sabem que para elas é mais difícil enfrentar a violência, tem que ir para uma delegacia expor a vida, que para uma mulher que tem recurso ela não precisa fazer isso se não quiser, ela tem outros mecanismos, mas a mulher trabalhadora tem que fazer isso muitas vezes para romper com a violência, expor sua vida para pessoas que nunca

viu, como nós, por exemplo, quando elas chegam na Casa. É muito legal poder dizer para essa mulher no atendimento quando ela diz uma coisa quando para ela é muito dolorido, dizer para ela que outras mulheres passam aquilo, que isso é uma construção, que isso é estrutural. (Ana Montenegro).

[...] A gente tem um desafio muito grande dentro do movimento que é discutir a participação de mulheres transexuais e travestis. A gente tem que parar de pensar, a gente tem sabe... tem que dividir o que é identidade de gênero e o que é orientação sexual, então as pessoas tem que parar de pensar no órgão genital da pessoa, tipo como ela se identifica. Eu acho que um dos grandes desafios do feminismo é debater a questão das mulheres transexuais e travestis, e se a gente for pensar numa questão de prostituição, mulheres transexuais e travestis também apanham na rua assim como as mulheres que também trabalham na prostituição, as mulheres cis que a gente costuma dizer, então se não tem essa paridade, se a gente não trazer a questão das mulheres trans, a gente vai continuar oprimindo sabe, continuar oprimindo também essas mulheres que são tão companheiras quanto a gente por exemplo. (Alexandra Kollontai)

Eu sou assistente social, trabalho na Defensoria e é muito comum você ser demandada para fazer determinado tipo de atendimento, que de repente ele tem um, ele vem com uma demanda e que se transforma ou se soma á outra que a gente descobre no meio do atendimento, né. Então eu acho que , a perspectiva, eu carrego mais como perspectiva trabalhar a profissão seja onde você estiver, na atuação que você tiver. Uma vez que você entendeu como é que funciona, como é que é, oque que é a questão de gênero, a importância do Movimento Feminista, não tem como você deixar de abordar, você leva, é uma perspectiva que você leva para o seu trabalho, para o seu dia a dia. (Safiotti)

[...] a equipe é formada por mulheres que se autodeclaram feministas. Pelo menos a equipe técnica, mas que também tivera, esse processo, assim, muitas delas foram apresentadas ao feminismo, às discussões de gênero quando adentraram a casa, então para mim é tranquilo antes de trabalhar na casa “Viviane”, eu já fazia discussões de gênero, sobre feminismo. Sobre tudo com jovens, porque era central, né? Eram meus alunos dos jovens urbanos, que era um projeto que eu coordenava, mas na casa tem uma experiência muito peculiar que é um pouco isso assim, a temática é sobre mulheres, né? Ser feminista, ter uma leitura sobre a situação de violência das mulheres ou pensar um pouco mais além disso tem muita relação com o feminismo, esses óculos não só dos estudos de gênero, mas os estudos de gêneros inaugurados por mulheres feministas que vão dar uma visão, vão fazer você enxergar o trabalho de uma outra maneira, uma outra perspectiva [...]
(Angela Davis)

Eu me posicionando como feminista no trabalho, é muitas vezes cansativo. Porque é como se eu tivesse que reafirmar a importância de algo que muitas vezes se torna um discurso repetitivo e aí é como se a gente tivesse que convencer os outros de que é importante e necessário trabalhar uma coisa como essa, o feminismo não como o senso comum, como se pensa muitas vezes, mas desconstruir nas pequenas coisas, o que é de menino oque é de menina, sabe? Essas relações menores. E acho que eu sentia muito um desgaste, parecia que as pessoas não tinham mais “saco”, sabe? “Ai de novo este assunto?” Então um pouco isso que me despertava, essa chatice de acabar correndo o risco de ser monótona numa coisa que é gradativa, tem que ser abordada ao longo prazo e não tem mudança imediata. Então, por aí é como me sinto no meu ambiente de trabalho, já podendo usar de temáticas e conteúdo feminista com criança e adolescente, eu acredito que a mudança quanto mais partir dos trabalho de base, a possibilidade será maior em contribuir com uma mudança significativa. (Margarida Maria)

Nesta categoria as entrevistadas Ana Montenegro, Safiotti e Angela Davis, ao avaliarem seu posicionamento feminista com relação às demais profissionais e ao público feminino no local de trabalho, pontuam a satisfação de terem a oportunidade de estarem em contato com um público que busca e se interessa pela temática relacionada a gênero. Ressaltaram a importância de despertar nas demais mulheres, a reflexão de acordo com a realidade de cada uma, de maneira com que elas se reconheçam, perante as questões de gênero e o lugar ao qual cada uma ocupa.

Já as entrevistadas Alexandra Kolontai e Margarida Maria, sentem a necessidade de fortalecer o discurso e reafirmar a importância do feminismo, de maneira pluralista, que comporte a discussão além da formação biológica genital e que fuja do senso comum, sem que haja uma mudança imediata, podendo ser discutido também nas formações de base.

De acordo com os relatos, a facilidade se dá perante o público e o serviço ofertado. Quando a população atendida se percebe em uma situação de desigualdade por questões de gênero, facilita a apresentação e a articulação com as ferramentas obtidas dentro do movimento feminista e uma possível aproximação desta população junto ao movimento.

Do ponto de vista relativo aos movimentos feministas se estes podem ser considerados ferramentas para a mudança com relação ao sistema patriarcal, verbalizaram as seguintes questões,

[...] para nós, nunca nos foi dada a possibilidade da construção política. A gente sempre foi secundarizada em tudo, no campo da esquerda então nem se fala. A gente poder protagonizar, falar num carro de som, organizar um ato, organizar uma marcha, organizar qualquer coisa que seja, para nós é sempre um desafio a ser vencido, pois a nossa construção nunca foi assim, nunca nos foi dado essa possibilidade, porque a gente sempre tem a tripla jornada, a quadrupla jornada, as múltiplas jornadas, seja lá o que for. A vida política muitas vezes acaba sendo secundarizada nesse processo. Quando a gente vai mesmo, quando a gente “desce pro play” e fala a gente tem que fazer vem uma serie de implicativos juntos e, vamos usar um exemplo mais operacional, por exemplo a construção do oito de março que é uma data importante pra gente, que é uma data importante para ser lembrada, uma data de luta. Se deslocar para as reuniões já é difícil objetivamente falando pela distância, estar naquele espaço, muitas vezes a gente é colocado em espaço de disputa onde não deveria existir disputa. Tentar unificar pautas, tem pautas que são óbvias ser unificadas, como a questão do aborto, a legalização do aborto, como a questão do transporte ininterrupto que não beneficia só as mulheres, mas é uma pauta nossa [...] **(Ana Montenegro)**

[...] seguiremos em marcha até que todas sejamos livres, que eu acho que é isso a gente tem que continuar marchando continuar militando até que todas

sabe... onde nenhuma mulher possa mais sofrer violência, que as mulheres possam ter o direito de poder sair, poder se divertir sem ser violentadas, e a gente fala: mexeu com uma mexeu com todas, e eu sou muito nesse sentido assim sabe[...] a minha geração vai passar, mas eu quero muito que as minhas sobrinhas, uma que tem 10, outra que tem 5 e a outra que tem 3 sabe, se enxerguem numa sociedade mais humana, se enxergue numa sociedade mais libertaria [...] **(Alexandra Kollontai)**

Eu acho, eu acho que o movimento é importante, o movimento feminista, é muito importante sim, não vai ter outro grupo, outro espaço que vai pautar, que vai pautar essas questões, essa pauta é do movimento feminista [...] é uma forma de reflexão que desconsidera absurdamente a história, assim, o que que éramos e o que somos. Eu acho que tem avanços, tem muitos avanços, ainda precisamos do feminismo, pode ser que um dia a gente não precise, mas ainda precisamos muito. Agora, a gente precisa ocupar, acho que precisa ter alguns espaços, existe alguns espaços que é fundamental que seja ocupado, especialmente acho que, o espaço da mídia [...] **(Safiotti)**

A gente vive dentro de uma cultura machista, sexista, e reproduzir isso é muito fácil. A gente tá contra corrente mesmo e precisa saber disso, tá contra corrente, mas se coloca a falar, a desconstruir um pouco essas ideias. Não é fácil e dependendo do lugar, por exemplo com as mulheres, a gente tem muito mais possibilidades, que elas tão lá a gente tem grupos, a gente faz conversas, e quando essas falas, e aí é importante que essas falas venham, justamente para a gente ir desconstruindo junto, colocando os por quês, porque que é assim, porque que não pode ser de outro jeito, né? Ou dizendo não é assim, não é natural. É um exercício de formiguinha, mas também a gente está pronta para isso, a gente sabe que esse também é o nosso papel. Inclusive como feministas no mundo né? **(Angela Davis)**

[...] eu acho que o movimento feminista sim, ele contribui, mas tem que ter formação. Tem que dar formação, tem que ser aberto para dar formação a quem queira saber sobre. Agora ficar com essa de: ah você é meu inimigo, você é homem, há você é opressor. A gente tem que ter pé no chão. A gente tem que pensar que nós, eu falei no início, muitas vezes eu reproduzo o machismo sem perceber. E aí não é por isso que eu sou um poço de incoerência, mas a gente tá minado de vícios de comportamento. Então é um pouco isso assim o que eu penso. Romper isso não é uma coisa fácil. Tem gente que romper com cinquenta, sessenta (anos de idade), porque é romper com padrões que a vida inteira fomos ensinados a viver, não é uma coisa fácil. Então quanto mais jovem, melhor. Então aproveitemos as mulheres e os homens jovens, por isso eu tô na linha de juventude. **(Margarida Maria)**

As entrevistadas, unanimemente consideram o movimento feminista uma importante ferramenta para que haja uma mudança com relação ao sistema patriarcal que reforça as desigualdades de gênero. Importante ressaltar a narrativa da entrevistada Safiotti ao trazer que “[...] o movimento feminista, é muito importante sim, não vai ter outro grupo, outro espaço que vai pautar, que vai pautar essas questões, essa pauta é do movimento feminista [...] é uma forma de reflexão que desconsidera absurdamente a história, assim, o que que éramos e o que somos”.

Percebe-se que as entrevistadas se posicionam de maneira como auto ferramenta para tal fortalecimento. É importante esta identificação, esta identidade em ser parte do movimento e não apenas esperar que uma articulação transforme a

situação atual, pois conforme afirmam o movimento é uma ferramenta importante, mas é necessário que haja uma participação ativa em todas as esferas.

Nas suas avaliações no que tange aos discursos em relação às feministas as narrativas trazem as visões que possuem sobre este assunto a saber;

Para mim esse discurso ele tem dois lados e dois viés, ele tem o lado das mulheres que falam e fazem discursos que nos abala, dependendo de como fala, pois acaba fortalecendo algumas outras falas de senso comum de alguns homens, como: "-Está vendo, tem outra mulher. Acho isso uma besteira, acho isso um horror e essas mulheres malcomidas. ". Geralmente é isso que falam de nós, como mal comidas. A questão é que a gente mexe com um cerne que é a família, o feminismo mexe com uma coisa que é muito sagrada, mesmo pra quem não é cristão, que é a família, então o discurso que vem é sempre um discurso muito ofensivo, muito pesado como "as aborteiras", "as clandestinas" e por aí vai. Ser clandestina pra gente não é problema e ser chamada de aborteira também não porque o que a gente defende é a vida das mulheres acima de qualquer coisa, que elas possam escolher e possam decidir sobre o corpo delas e o que elas querem fazer com a vida delas. (Ana Montenegro)

O discurso direcionado para as mulheres feministas, ainda é carregado de muito preconceito. Algumas pessoas têm o pensamento ou até mesmo nas falas que as Feministas são mulheres mal-amadas, que querem destruir o lar, acabar com os homens e todas outras formas pejorativas existentes na sociedade patriarcal.

Dentro dos espaços com coletivos mistos nos movimentos sociais, as mulheres sofrem um grande preconceito porque alguns "companheiros" tem o discurso de que as mulheres vão ocupar os seus lugares, as vozes não são ouvidas e são homens que abrem a boca para dizer que são solidários e até mesmo "Feministas". Em minha visão não existe esse tal Homem Feminista, pode ter companheiros solidários a causa, mas não Feministas.

O Feminismo é transformador e igualitário, devemos falar para todas as pessoas, construir uma sociedade livre das opressões. Nosso discurso é libertador, não somos mulheres mal resolvidas, somos mulheres que lutam por uma sociedade justa de direitos. (Alexandra Kollontai).

Eu acho que é muito preconceito mesmo, mas é um preconceito que ele vem acompanhado de desinformação, eu acho, não sei se é só desinformação, não sei Bel. Eu não consigo avaliar assim o, porque tem preconceito, por exemplo, de gente que é muito bem informada, muito bem formada, pra agir com preconceito. Eu acho que, assim, o feminismo ele traz as ideias, as concepções, ele traz uma possibilidade real de mudança, de mudança estrutural mesmo, sabe? Acho que é, é como se você mexesse mesmo na própria estrutura da sociedade, então acho que é uma proposta muito, é radical e ela vem pra abalar mesmo, abalar as estruturas, então tudo o que abala muito na parte dos conservadores é isso, o problema dos conservadores é exatamente esse. Tudo o que abala um pouco a ordem, que possibilita abalar a ordem vai ser rechaçado como ruim, como péssimo, vai ser desvirtuado das suas ideias originais, então acho que é, só é mesmo, só consigo pensar como preconceito, mas um preconceito que tem a ver com isso, tem a ver com o fato da gente apresentar uma proposta de mudança radical da sociedade, da forma como a gente se relaciona, como a gente estrutura as relações (Safiotti)

*É mais uma ideia pejorativa mesmo né? Pra desconstruir o movimento de mulheres, desvalorizar a luta política das mulheres e aí vai ter esses discursos o tempo todo. Não só na rua, mas reforçado pela mídia, né? Quando você tem um (é), você vê isso os comentários na internet, mas isso é reprodução de uma fala que está socializada também. Tem uns caras como Bolsonaro que vem dizer uma série de coisas (é), de ofensas, enfim, em relação às mulheres e conseqüentemente ao ser feminista, né? Mas acho que é encarar isso (como posso dizer?) Toda vida, é estranhar um certo, uma certa apropriação do termo feminismo e achar que tudo bem. Tem sido, faz parte, assim, até da trajetória da história das feministas, essa coisa de desvalorização mesmo, por parte de outros homens, outras mulheres, inclusive né? **(Angela Davis)***

*E isso pra mim é uma questão que incomoda, porque quando você fala de um lugar privilegiado, não é natural você ter uma sensibilidade à realidade de outras mulheres. Assim como mulheres brancas falar do feminismo a partir da ótica de uma mulher negra, ela não vai ter esse olhar. Por isso que eu acredito muito que os feminismos eles têm que se dialogar **(Margarida Maria)***

Nesta última categoria, a entrevistada Ana Montenegro afirma que os discursos direcionados às mulheres que se auto declaram feministas é um discurso ofensivo, e associa tal comportamento ao fato do feminismo mexer com as raízes sagradas da família padrão. As entrevistadas Alexandra Kolontai, Safiotti e Margarida Maria, dissertam que se trata de um discurso preconceituoso, um preconceito que carrega a origem conservadora e que não aceita mudanças. Já a entrevistada Angela Davis, acredita que seja uma forma de desvalorizar a luta política feminina.

Pois, de acordo com a escritora Safiotti (1987, p.87),

Se um grande número de mulheres pode ser reunido em torno de uma reivindicação reconhecidamente justa, este fenômeno é muito mais difícil quando se trata de provocar mudanças profundas na estrutura de poder da sociedade, visando a alterações também profundas na condição feminina.

Considerações finais

Este trabalho se propôs em realizar uma pesquisa e teve na sua centralidade mulheres que participam de movimentos feministas na capital – São Paulo. Os referidos movimentos se iniciam na década de 1960, no Brasil, e recebe também o nome de “Movimento das Mulheres. ”

Na categoria denominada de feminismo, a mulher aparece como indivíduo, um sujeito normal, inconformado com o seu papel na sociedade reivindicando uma posição política, ou seja, direitos sociais, educação, trabalho e respeito.

Além disso, esse movimento denunciava e continua a denunciar o preconceito ocasionado pela diferença sexual, biológica, física e corpórea entre homem e mulher, pois a opressão contra mulher é tomada no sentido universal, não obstante hoje, essa diferença não seja considerada apenas sexual, mas de gênero, tendo em vista que a desigualdade não aconteceria apenas por diferenças sexuais, mas por tudo o que é criado e inventado socialmente a respeito dessas diferenças ao nível das ideias.

Desta forma, o movimento feminista carrega desde a sua formação diversos olhares externos que se opõem à sua existência, muitas vezes relacionados à classe social, ao aspecto religioso e a possível ameaça ao poder masculino. Observar e entender estas resistências torna-se necessário para a desconstrução de barreiras que impediriam o fortalecimento e a permanência desta articulação.

Para os homens, são inadmissíveis, e muitas vezes, inaceitáveis que as mulheres se rebelem a ponto de saírem de seu papel de esposa, mãe, filha e irmã cuidadora. Mulheres que, neste contexto, devem obedecer às ordens que lhes convém sem que haja questionamentos. Quando a mulher não aceita e desvia-se deste campo de submissão e de serventia, torna-se uma ameaça em meio aos espaços que foram, todavia, direcionados apenas pela ocupação masculina.

Do ponto de vista da pesquisa empírica os resultados apresentados colhidos por intermédio das narrativas dos sujeitos que foram entrevistados, corroboram a análise acima, tendo em vista que as mulheres buscam os movimentos feministas, não apenas por uma opção política, mas também, como uma ferramenta que possa vislumbrar uma mudança com relação ao sistema patriarcal que reproduz e reforça as desigualdades de gênero. Importante ressaltar a narrativa a entrevistada autodenominada Safiotti ao trazer que “[...] o movimento feminista, é muito importante

sim, não vai ter outro grupo, outro espaço que vai pautar, que vai pautar essas questões, essa pauta é do movimento feminista [...] é uma forma de reflexão que desconsidera absurdamente a história, assim, o que éramos e o que somos”.

É importante esta identificação, esta identidade em ser parte do movimento e não apenas esperar que uma articulação por si só pudesse transformar a situação atual, pois conforme afirmam o movimento é uma ferramenta importante, mas é necessário que haja uma participação ativa em todas as esferas.

Ressaltamos também o relato da entrevistada autodenominada Ana Montenegro, que traz a seguinte afirmação; [...] para nós, mulheres, nunca nos foi dada a possibilidade da construção política. A gente sempre foi secundarizada em tudo, no campo da esquerda então nem se fala. A gente poder protagonizar, falar num carro de som, organizar um ato, organizar uma marcha, organizar qualquer coisa que seja para nós é sempre um desafio a ser vencido, pois a nossa construção nunca foi assim, nunca nos foi dado essa possibilidade, porque a gente sempre tem a tripla jornada, a quádrupla jornada, as múltiplas jornadas, seja lá o que for. A vida política muitas vezes acaba sendo secundarizada nesse processo [...]

A entrevistada fomentou o conhecimento das necessidades que movem a participação destas mulheres dentro dos movimentos feministas. Participação diversificada, onde foi possível conhecer o perfil de algumas mulheres, durante as entrevistas que foram realizadas.

No cenário atual, temos mães, temos mulheres solteiras, casadas, mulheres que estão em relacionamentos homoafetivos ou heteroafetivos. Que não sofreram violência física, mas que se sentem violadas de seus direitos. Importante destacar esta vivência, para desconstruir a imagem que o senso comum traz destas mulheres. [...] o feminismo ele não luta por um tipo de classe de mulheres. Hoje eu costumo dizer que ele é muito plural, a gente está numa pluralidade muito grande dentro do feminismo. E eu acho que quando a gente traz essa questão do feminismo plural, a gente tem que lutar pela luta de todas as mulheres, e aí por mais que as pessoas falem: “ah por que a lei Maria da Penha foi uma conquista do governo Lula”, e não foi uma conquista do governo Lula, ele foi uma conquista do movimento de mulheres, do movimento feminista, que foram até lá e exigiram [...] (Entrevistada Alexandra Kollontai). Com o auxílio de Organizações Não Governamentais, a vítima Maria da Penha conseguiu enviar o caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA), que, pela primeira vez, acatou uma denúncia de violência doméstica. Pois

mesmo após 15 anos de luta e pressões internacionais, a justiça brasileira ainda não havia dado decisão ao caso, nem justificativa para a demora. Embora observemos os avanços na legislação com relação aos direitos das mulheres podemos perceber que muitas vezes o processo é algo vagaroso.

Levando em consideração as narrativas observou-se que na formação acadêmica houve uma ausência de discussões sobre gênero, especialmente no curso de Serviço Social, e uma vez que este curso reúne na sua maioria mulheres, o espaço seria a oportunidade de ampliar o diálogo referente ao papel da mulher na sociedade.

Para finalizar, foi de extrema importância perceber durante o processo que se realizava a pesquisa empírica o quanto pode ser considerado, o espaço de aprendizado dentro de um movimento, este que, propicia às participantes oportunidades de observar e desnaturalizar os fatos que tem como característica a desigualdade de gênero.

Referências

Arraes, Jarid. **Feminismo negro**. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/> Acesso em 02/04/2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRASIL. Decreto n.º 11340, de 7 de agosto de 2006. Aprova a lei Maria da Penha.

Cisne, Mirla e Santos, Silvana Mara Moraes dos. Movimentos feministas e pela liberdade de orientação e expressão sexual: relações com a luta de classes no Brasil hoje. In: **Movimentos Sociais e Serviço Social: uma relação necessária**. São Paulo: Fundação: Cortez, 2014.

COUTO, Marcia Thereza e Schraider, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. In: **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). SECRETÁRIA NACIONAL DA MULHER TRABALHADORA. **Almanaque da mulher: A incrível jornada**. Brasil: Verdeperto, 2009.

ENGELS, Frederich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Lafonte, 2012.

FERNANDES, Maria Esther. **Fontes orais: riqueza e complexidade**. Disponível em: legacy.unifacef.com.br/novo/xi.../Maria%20Esther%20Fernandes.pdf Acesso em 28/ago./2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na igreja latina americana**. São Paulo: Paulinas, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HELENE, Diana. IPPUR/UFRJ. Disponível em: <<http://crocomila.blogspot.com>> Acesso: 01/dez./2015.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. A palavra do outro: uso e ética. In: **XX Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, outubro de 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas In: **Proposições**, v. 19, n. 2 (56) maio/ago. 2008, p. 17- 23.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, cidadania e política democrática radical. In: **Teoria política feminista: textos centrais**. São Paulo: Horizonte, 2013.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp. 89-98.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARTI, Cyntia. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. In: **Cadernos Pagu** (16) 2001:pp.31-48.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOARES, Jully. **Lesbianidade: uma forma de resistência**. Postado em: 28/08/2013/<http://blogueirasfeministas.com/2013/08/lesbianidade-uma-forma-de-resistencia/>: Acesso em 02/04/2016.

TELLES, Maria Amelia de Almeida. **Breve história do feminismo do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

WHITAKER, Dulce. **Mulher e homem: O mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1992.

Sites consultados.

<http://educacao.uol.com.br/biografias/patricia-galvao-pagu.htm>. Acesso em: 02/09/2015.

http://www.sempreumpapo.com.br/mondolivro/?page_id=757. Acesso em 02/09/2015

<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/10/constituicao-de-1988-e-marco-na-protacao-as-mulheres>. Acesso em: 02/09/2015

<http://mulheresemmarcha.blogspot.com.br/2010/12/feminismo-de-luto-por-saffioti.html>. Acesso em 02/09/2015

<https://marchamulheres.wordpress.com/mmm/>. Acesso em: 08/09/2015

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511796-uma-clara-opcao-pelos-direitos-das-mulheres-entrevista-com-ivone-gebara/>. Acesso em 08/09/2015

Entrevista de **Mariana Carbajal**, publicada no jornal **Página12**, 23-07-2012. A tradução é do **Cepat**.

https://www.google.com.br/search?q=IVONE+GEBARA&espv=2&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQ_AUoAmoVChMI8KLdnqneyAIVgxyQC h31IQ9P. Acesso em: 08/09/2015

https://www.google.com.br/search?q=PAGU&es_sm=93&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAgQ_AUoAmoVChMIweqNr6neyAIVAYaQCh2HcwGI&biw=1366&bih=667. Acesso em: 08/09/2015

https://www.google.com.br/search?q=BETH+LOBO&espv=2&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI2IGDyqneyAIVw36QCh23_Akj. Acesso em: 08/09/2015

https://www.google.com.br/search?q=nia+floresta&espv=2&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQ_AUoAmoVChMI1a38-KneyAIVBo-QCh2diwLq. Acesso em 08/09/2015

https://www.google.com.br/search?q=heleieth+saffioti&espv=2&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6bODnKreyAIVxQuQC h0F8QXF. Acesso em: 08/09/2015

https://www.google.com.br/search?q=rose+marie+muraro&espv=2&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6fKfqgreyAIVaOiQCh2pIAvJ. Acesso em: 08/09/2015

<http://pcb.org.br/portal2/10460>: Acesso em 02/04/2016.

<http://www.pictaram.com/user/identidadefeminista/2876985994>: Acesso em 25/05/2016

<http://feminismo.org.br/historia/> Acesso em 25/05/2016

Apêndices.

A- Roteiro que visa levantar o perfil das entrevistadas

Nome: _____

Idade: _____

Estado Civil _____

Gênero ____ F ____ M

Orientação sexual _____

Zona de residência _____ norte ____ sul ____ leste ____ oeste ____ centro _____

outro Município ____ Qual _____

Escolaridade _____

Trabalho _____

Tempo de trabalho _____

Função que exerce _____

Filhos: _____

Quantos? _____

B- Roteiro que visa levantar a participação das mulheres nos movimentos feministas

1. Conte-me, por favor, os motivos que te levaram a buscar os movimentos feministas e o que esses movimentos representam na sua vida.
2. Após se tornar parte do movimento você poderia discorrer sobre mudanças significativas que ocorreram não apenas do ponto de vista pessoal, mas e também social e político.
3. A partir da sua inserção no movimento você tem buscado socializar essa ideologia feminista no seu local de trabalho e também como você avalia a visão das mulheres com as quais você dialoga no seu trabalho sobre a questão feminista.
4. Discorra um pouco sobre a sua crença nos movimentos e se estes podem ser considerados ferramentas para a mudança da visão que algumas mulheres ainda detêm, ou seja, reproduzem o sistema patriarcal ainda vigente na nossa sociedade.
5. Como você avalia os discursos em relação às feministas. Me fale sobre isso e se você sendo uma delas como se sente dependendo do viés dos discursos produzidos socialmente.

Anexos.

A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “ (O transparecer uma ideologia pessoal em busca da transformação social) ”, com o objetivo de conhecer as necessidades e motivações que levaram mulheres participantes de movimentos feministas a assumirem tal posicionamento e se tornarem parte de determinado movimento social.

Eu discuti com a (Maria Isabel Batista Oliveira) sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantido o respeito a meus direitos legais. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Data / /

Assinatura do sujeito de pesquisa

Nome:

Identificação:

Data / /

Assinatura da testemunha

Nome:

Identificação:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do pesquisador responsável pelo estudo

Data //

Assinatura dos demais pesquisadores

Data //

B – CARTA DE INFORMAÇÃO

Prezado usuário, você está sendo convidado a participar da minha pesquisa, cujo título é “ (O transparecer de uma ideologia pessoal em busca da transformação social) ”. Que tem como objetivo: conhecer as necessidades e motivações que levaram mulheres participantes de movimentos feministas a assumirem tal posicionamento e se tornarem parte de determinado movimento social.

Serão realizadas entrevistas na cidade de São Paulo, com 05 mulheres participantes de movimentos feministas, dentre elas Assistentes Sociais que atuam com esta temática, e ativistas deste movimento que desenvolvem alguma atividade com relação ao tema. As entrevistas serão individualmente, em uma conversa aberta para que seja falado sobre o interesse em se tornar parte de movimentos feministas e o que esse posicionamento reflete em sua vida pessoal e social. Cada entrevista terá duração de 15 a 45 minutos, onde serão gravadas as falas das entrevistadas com a pretensão de transcrever estas entrevistas na íntegra.

A pesquisa não implica em nenhum gasto para o entrevistado, o qual também não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à sua participação. Não serão divulgados os nomes dos participantes, mantendo-se dessa forma a confidencialidade das informações prestadas, lembrando que, sua recusa de participação não lhe trará nenhuma penalidade.

Cabe ressaltar que é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone da pesquisadora responsável e o e-mail, podendo tirar dúvidas sobre a pesquisa e sua participação. Além disso, a pesquisadora compromete-se a utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa, e de mantê-los atualizados sobre os resultados parciais da pesquisa.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNISA) – Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, SP – Tel.: 2141-8687.

Esclarecemos que tal autorização é pré-condição para a execução de qualquer estudo envolvendo seres humanos, sob qualquer forma ou dimensão, em consonância com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Agradecemos

antecipadamente seu apoio e compreensão, certos de sua colaboração para o desenvolvimento da pesquisa.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (Marlene Almeida de Ataíde), tendo como pesquisadora assistente (Maria Isabel Batista Oliveira).

CONTATO: Rua Isabel Schmidt, 349 - Santo Amaro São Paulo - SP, CEP 04743-030(11) 2141-8500.

São Paulo, ____/____/____

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

ASSINATURA DO PESQUISADOR ASSISTENTE

C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

As entrevistas serão de maneira aberta, tendo como início e mediação da conversa, conhecer o porquê a entrevistada se tornou parte do movimento feminista e o que ela identifica nos dias de hoje como necessidade de permanecer neste movimento, quais as conquistas, as dificuldades e deficiências ainda existentes que permeiam esta participação.